Anno XXXII
N. 8
Preço 1$200

Revista da Semana

7 de Fevereiro de 1931

Visitem a linda exposição dos productos *"4711"* na CASA HERMANNY, Rua Gonçalves Dias 50.
Em Petropolis, Avenida 15 de Novembro 764. Em Bello Horizonte, Rua da Bahia 910 a 916.

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1931** | **NUMERO 8**

O nosso heróe desconhecido

por Saul de Navarro

Não nego que a gentileza seja uma de nossas virtudes caracteristicas. Somos, realmente, um povo benevolo e amavel.

Isso, porém, não implica em applauso incondicional ao excessivo e illimitavel habito de requintar a mania do agrado, ao extremo de sorrirmos quando se nos retribue a cortezia com o sarcasmo e, por vezes, com a injuria e a insolencia.

Abrimos os braços ao estrangeiro, acolhemol-o com affecto. E' uma questão de temperamento, condição de nossa indole. Mas dahi não se segue que o deixemos abusar de nossa risonha affabilidade e ferir os nossos melindres, ou condescendamos com os seus ataques injustos ou a sua desdenhosa indifferença.

Convém que sejamos moderados. Ha momentos em que se impõe a economia do sorriso... Nem rispidez britannica, nem jovialidade nipponica. O meio termo: a polidez, que é a dignidade serena; a diplomacia da prudencia, da reserva e da brandura.

O Brasil já completou a sua maioridade politica, embora esteja em adolescencia economica. E' um gigante que sorri; a sua grandeza não espanta — empolga; a sua riqueza não offende — seduz. Tenhamos, portanto, uma alegria saudavel de titan, seguro de sua força, confiante de seu destino, firme sem aspereza, forte sem arrogancia.

Devemos evitar os perigos da amabilidade...

Somos amaveis em demasia. Exaggeramos o dever christão da hospitalidade. Sem hostilizar quem nos visita ou venha viver comnosco, a nossa preoccupação maior deve ser para o brasileiro que precisa de nosso amparo, para o caboclo do nosso sertão, para o pescador do littoral, o seringueiro da Amazonia, o flagellado do Nordeste e o guasca do extremo Sul.

Disse-me Olympio Barreto, observador severo dos nossos problemas sociologicos, esta profunda e inedita verdade: "Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil; Euclydes da Cunha descobriu o brasileiro"...

Mas urge que a descoberta euclydeana fructifique. Valorizemos o brasileiro.

Louvar o estrangeiro em detrimento do nosso irmão esquecido, que trabalha e soffre, resiste e luta, longe do urbanismo fascinante da orla maritima, embrenhado na ignorancia, no desconforto, na solidão e no abandono, sem hygiene e instrucção, sem liberdade e segurança, entregue á sanha do cangaço e exposto á violencia dos caciques e pagés da politicalha, eis ahi uma desnacionalização sentimental perniciosa e inclemente, porque eleva alguns advenas que chegam e deprime milhões que estão, obscuramente, dentro da nossa terra, no amago do paiz immenso, realizando, pela força mysteriosa do nosso destino, uma obra formidavel — a da raça, que se vem crystalizando por influxo e céga obediencia desses pygmeus de bronze sustentaculos de uma nação colossal, a sugerir esta hyperbole merecida: anões que trazem uma montanha aos hombros!

O "Hercules-Quasimodo" que é o sertanejo, heróe inverosimil mas authentico, tem sido o autor humilde e invisivel dessa odysséa nacional, desse épos que se opéra nas trevas, assim como surge do cháos a harmonia sideral dos mundos.

O brasileiro malsinado e esquecido do sertão e do pampa, dos garimpos, das roças, cafézaes, fazendas e minas dos centro, norte e sul de nosso territorio extenso e de povoação escassa; o brasileiro montanhez ou camponio, vaqueiro de Goyaz ou caçador amazonico; o brasileiro alvo do nosso ridiculo, de nossa apathia e de nossa imprevidencia, dilatou a patria com as "bandeiras", agigantando-nos em área, e nos dilatará no futuro, mantendo a força rude e virginal de nossa expansão ethnica, fundindo com o seu sangue a nossa figura propria, gravando o nosso perfil original com a expressão inconfundivel de sua mascara de bronze patinada por quatro seculos.

Louvemos o estrangeiro que nos procura ou aqui venha viver. Abramos-lhe o nosso coração, tão grande quanto a nossa extensão territorial. Mas tenhamos fé em nossa capacidade intrinseca de povo, confiemos em nossa brasilidade potente, que tem sido resultante do caboclo desconhecido, do sertanejo anonymo, do gaucho ignorado. São elles que fizeram do Brasil um gigante expansivo, com os pés molhados no Prata e a cabeça quasi roçando os Andes!

Saul de Navarro

O Cão do morto

conto de Charles PETTIT

LÁ longe, á borda da floresta, o cão uivava a noite inteira. Era em dezembro. Chuviscava. Fazia um frio de morte. Esmagada na sombra, perdida a meio da solidão dos campos desnudos, a aldeia sem luzes parecia aniquilada. Reinava um grande silencio sobre a natureza entorpecida pelo inverno — silencio que só os uivos daquelle cão agourento perturbavam.

E não era a primeira vez que elle assim se esguelava, abalando lugubremente a quietude agreste. Ha mais dum mez que aquillo começara. Justamente no dia em que haviam enterrado o dono do animal, um velho artista, homem excentrico e retrahido, que alli morava sózinho, numa casa á entrada da floresta, e que uma bella manhã apparecera morto, estirado no chão do atelier, sem duvida em consequencia da ruptura dum aneurisma.

Pelo menos, o medico da terra opinou que a morte fôra natural; e o intendente local, emquanto os herdeiros não appareciam, foi custeando os funeraes e tratando de regularizar o mais possivel as coisas do fallecido.

O cão, que fielmente estivera de guarda ao cadaver do dono, acompanhou-lhe o enterro até á porta do cemiterio. E, como o não deixaram entrar, abalou de repente, como possesso, latíndo dolorosamente.

Desde então, ninguem o tornara a ver. Não se sabia por onde elle andava o dia inteiro, como conseguia alimentar-se, em que recanto da floresta se escondia... Era, porém, elle com certeza que de noite vinha rondar em volta da casa abandonada...

Ora, naquella noite, dois rapagões da terra, que não tinham medo de coisa alguma, Pedro e João, resolveram tirar o caso a limpo. Deram parte ao intendente e a diversos vizinhos da sua decisão; e prometteram levar para a aldeia, naquella mesma noite, vivo ou morto, o animal de que as mulheres e as creanças começavam a ter medo como duma alma do outro mundo...

Partiram depois de jantar, de espingarda ao hombro, como para uma caçada. Tratava-se duma simples precaução, para o caso de serem atacados pelo cão, se este se houvesse tornado mais ou menos raivoso. Porque ambos conheciam o animal e até lhe sabiam o nome: Sultão. E conjecturavam que, esformeado como devia andar, elle attendesse immediatamente ao seu chamado, e por muito feliz se désse por encontrar novo dono.

Chegados perto da casa do morto, pararam um momento, combinando o que haviam de fazer.

O cão lá estava. Ouviam-lhe agora bem proximos os uivos lancinantes.

Antes de entrar no jardim por um córte que havia da cerca, assobiaram varias vezes, chamando o animal pelo nome. Trabalho perdido.

Resolveram então agir mais directamente. Armaram-se com toda a prudencia, prevendo o caso de Sultão se atirar a elles — pois talvez o fiel vigia conservasse o instincto de defender a propriedade do dono defunto.

Nada disso, porém, aconteceu. Os dois rapazes entraram no jardim sem a menor difficuldade. O cão continuava a uivar sinistramente. Puzeram-se a procural-o.

Coisa esquisita: varias vezes deram volta á casa, sem descobrir o cão ou deprehender com mais segurança onde elle poderia estar. Quando chegavam a um lado da casa, iriam jurar que o animal passara para o lado opposto.

Isso mesmo Pedro observou ao companheiro.

— Parece que anda a jogar ás escondidas comnosco... Tem graça! Mas, espera, nós vamos acabar com esta brincadeira. E sabes como? Separando-nos. Eu tomo á direita, tu á esquerda e encontramo-nos diante da porta de entrada.

João concordou; os dois camaradas puzeram-se a caminho, cada um para seu lado; e dalli a momentos encontravam-se cara a cara, sem ter visto o cão.

João declarou:

— Mas o Sultão não deixou de ladrar. Estava do teu lado. Devias encontral-o por força...

— Enganas-te! retrucou Pedro — Do teu lado, do teu, é que elle estava.

Ficaram ambos estupefactos. Realmente a noite estava escura e não era facil distinguir as coisas... Mas por que razão tinham elles julgado ouvir o uivar do cão cada um do outro lado?

Começaram a ficar nervosos... Não eram certamente poltrões nem supersticiosos... Não acreditavam em lobishomens... Mas aquillo... não era natural!

O burguez assaltado — Desculpe, eu não sabia e vim desprevenido... O mais que posso fazer é aconselhar alguns amigos meus a passarem por aqui depois do anoitecer...

Insistindo nas pesquizas, bateram o jardim em todos os sentidos e muitas vezes deram volta á casa. Sultão continuava occulto — e uivando sempre. Por mais voltas que déssem, por mais que fizessem, o estranho animal parecia sempre á mesma distancia. A certa altura, Pedro, que começava a perder a tramontana, disse ao companheiro:

Acho melhor voltar para casa. Esta historia acabará dando-nos volta ao miolo. Eu, por mim, já não sei o que pensar... E tu?

— Tambem estou farto disto! respondeu João em voz mal segura. — Tens razão, vamonos embora. Podem fazer caçoada de nós... Mas elles que venham cá, para ver!

Nisto, estando já de partida, enxergaram uma fórma negra movendo-se na sombra.

— Não; desta vez, eu o vi! exclamou Pedro.

— E eu tambem! confirmou João.

Mas já o quer que era tinha desapparecido.

— Deviamos ter feito fogo immediatamente... observou Pedro, arrependido.

Era tambem a opinião do companheiro. E, separando-se de novo, entraram a procurar de olho á espreita, o dedo no gatilho da espingarda...

Ao cabo dalguns instantes, Pedro julgou avistar de novo o cão que, desta vez, evidentemente arremettia contra elle... O outro teve exactamente a mesma impressão. Ambos, um tanto tremulos, com a respiração suspensa, se agacharam, para melhor surprehender o animal, e metteram a arma á cara.

Reboou uma dupla detonação, a que se seguiram gemidos, sarridos de agonia. Depois, fez-se um grande silencio. O proprio cão deixou de uivar...

No dia seguinte, estranhou-se na terra que Pedro e João não tivessem voltado. Foram á sua procura.

E encontraram-n'os jazendo a alguns passos um do outro, ambos com a cabeça despedaçada por uma carga tremenda de quartos de chumbo...

Naquella mesma noite, o cão recomeçou os seus uivos, junto á casa abandonada. Ninguem mais, porém, se sentiu com coragem para o ir importunar.

A unica vez...

Estudante *chronico*, Samuel Beringéla, filho de paes abastados, cursava as aulas por simples vaidade.

Queria ser *estudante* e esse titulo lhe bastava, porque a vida lhe sorria e não estava para grandes africas. Bastava-lhe o titulo, queria gosar a companhia dos estudantes

de verdade, porque elle — coitado! — no meio em que vivia não dava um ar de sua graça em materia de intelligencia.

Um dos collegas chegára a affirmar que o rapaz era tão bronco que, se acaso esbarrasse a cabeça num portal de pedra, este ficaria reduzido a calháus, mas a cabeça nada soffreria.

Nos estudos, quando a materia consistia em simples exposições theoricas, o Samuel revelava-se eximio *papagaio*, reproduzindo tim-tim por tim-tim o que o compendio resasse, sem discrepancia de uma virgula.

Era a unica mostra de suas *qualidades*; mas, assim mesmo, tornava-se necessario que não lhe interrompessem o fio da meada, que não lhe cortassem, por uma pergunta ou uma observação, a phrase decorada com grande esforço. Se tal acontecesse o *estudante* perdia a

tramontana e não acetarva mais com o resto do recado.

A sua fama de *tapado* não corria somente entre o rapazio; os professores bem lhe conheciam os *dotes*, que galardoavam nos exames do fim de anno com uma preciosa collecção de *zeros* em todas as materias.

Samuel não se alterava, sabia-lhe bem esse modo de vida e assim proseguiu durante quatro annos seguidos, adherindo a turmas novas, emquanto os companheiros progrediam, deixando-o na permanente *bagagem* de estudante *ligre* ou repetente.

Se o facto de ser vadio fosse compensado pela intelligencia, talvez elle se salvasse no conceito dos companheiros, mas a massa cinzenta não lhe dava para uma mostra de talento. Era incapaz de uma phrase perfeita, por mais simples que fosse: gaguejava nas palestras, com a atrapalhação de encontrar palavras adequadas.

Muita vez revelava os phenomenos da echolália, repetindo seguidamente, com difficuldade, as mesmas palavras sem conseguir concluir um periodo de oração banal.

Nos exames, os lentes davam-lhe piádas fortes, sem que elle tivesse geito de remediar a má figura que sempre representava.

Quiz o destino, caprichoso e vário, que o Samuel tivesse um dia o seu momento feliz. Entrára em exame de physica pela quarta vez, depois de uma série de *raposas* conquistadas merecidamente. O ponto, facillimo, sobre a quéda dos corpos, não conseguiu salvar o rapaz, que nada conseguira metter na cachóla, nem mesmo o "tubo de Newton" menos complicado do que a "machina de Morin".

O examinador gosava a estupidez do candidato, provocando o gaudio dos assistentes, que eram numerosos.

Samuel Beringéla, que nunca se incommodára com essas cousas, ficou um tanto amuádo, porque na sala estava uma *pequena*, a primeira *conversada* que conquistára na vida de estudante.

Sentia-se diminuido diante da namorada e offendido em seus me-

lindres intellectuaes pela attitude dos seus julgadores.

O examinador, depois de saborear as asneiras com que o candidato respondia, resolveu fechar a arguição. Chamou o bedel em voz alta:

— *Seu* Tobias, faça o favor de trazer um feixe de capim para o almoço deste estudante!

Samuel Beringéla, rubro, não se conteve; pela primeira e unica vez teve um lampejo feliz; voltou-se tambem para o bedel e, em voz estentorica, acrescentou:

— Traga dous feixes, eu e o

professor vamos almoçar juntos!

A gargalhada retumbou na grande sala, os examinadores encordoaram com a surpreza e Samuel foi suspenso, fechando assim com chave de ouro a sua vida de estudante, mas ufano e satisfeito. Nunca fizera mais do que isto d'antes...

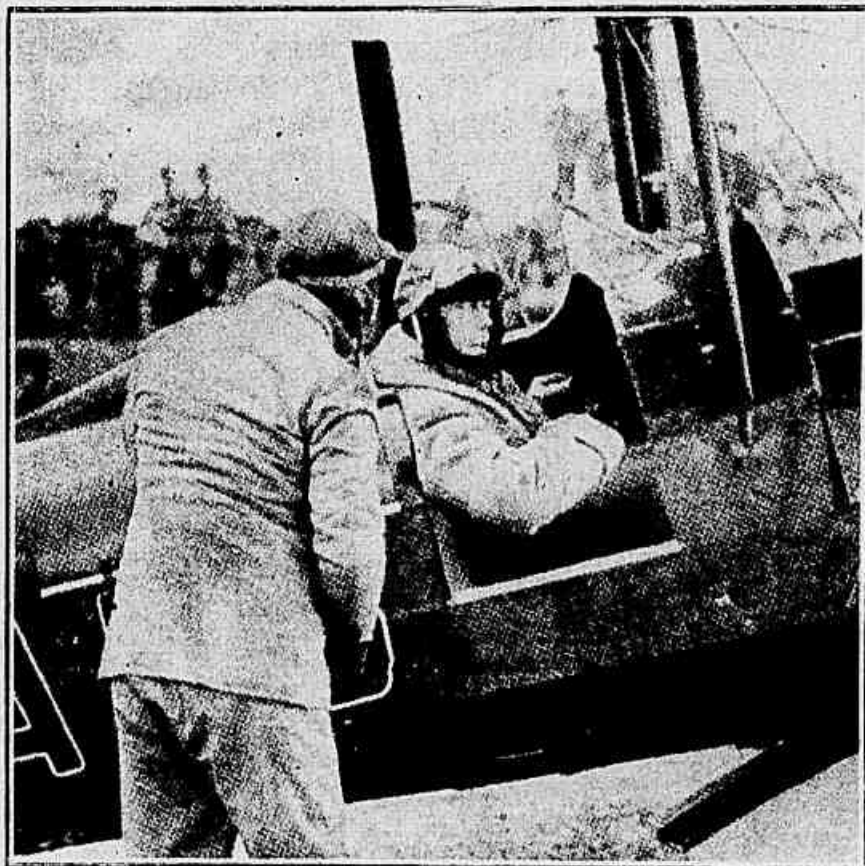
RAUL

Quinto, não furtar...

O celebre artista rustico Lang, que faz o papel de Jesus Christo na famosa e já tradicional Paixão, *de Oberrammegau, esqueceu a doutrina do Mestre, a ponto de ser recentemente condemnado a 2.000 marcos de multa.*

O notavel Lang tinha imaginado um expediente para encher as algibeiras. A todos os estrangeiros que passavam por sua casa durante as festas da Paixão pedia uma gratificação especial para as suas criadas. Nas condições em que era feito, o pedido assumia o caracter e a efficacia duma verdadeira exigencia. Todos os forasteiros se sujeitavam áquella contribuição e, como a quantia era facultativa, não poucos a arbitravam com generosidade e até certo exagero. Lang arrecadava methodicamente essas gorgetas, agradecia-as com as expressões da praxe. Apenas se esquecia de as entregar áquellas a quem eram destinadas.

Resta agora saber se, depois de processado e condemnado por tal esperteza, Lang continuará a apparecer em publico com as feições d'Aquelle que pregou a justiça e o desinteresse...

O Principe de Galles

O primeiro gentleman do ar da Europa — O principe de Galles deu exemplo na Inglaterra do frequente uso do aeroplano, tanto na sua terra como no estrangeiro.

Amory e Aley, filhos do sr. Adelino Fonseca e d. Alcinda Fonseca.

Neuza Guimarães Corrêa, no dia da 1.ª communhão.

Yolanda, filha do sr. Francisco Campos e d. Corina Campos.

Celia, Nilza e Walter, filhos do sr. Carlos Mendes e d. Rosalina Mendes Cavalheiro.

Cronica de Paris

A moda da renda

Ao feminizar-se, a moda utiliza de novo as fitas, os véos tenues e as rendas. Como já se sabe, nunca os tinha abandonado no referente aos vestidos de noite, mas desde que nestes ultimos tempos o vestido de duas peças se converteu numa especie de farda, que a moda nos impõe para ser levada desde as nove da manhã até ás nove da noite, essas graciosas frivolidades tornaram-se completamente inuteis, visto que não se podiam ver senão á luz artificial.

Em compensação, a renda adoptada como tecido ou simplesmente como adorno é alguma coisa que sempre assenta bem. Talvez se lhe pudesse exprobrar o seu preço e a sua fragilidade, mas bem conhecido é que as mulheres verdadeiramente elegantes não se detêm a reparar em taes inconvenientes e, no que diz respeito á sua "toilette", possuem uma logica especial que lhes permitte vencer todos os obstaculos.

Este anno, em todas as collecções de modelos expostos pelos modistos emprega-se muito a renda e, é preciso confessal-o, as clientes ficaram enthusiasmadas. Por isso, e na convicção de que as nossas leitoras gostarão de conhecer detalhes, vamos descrever alguns dos modelos que vimos.

Vestido de mousseline azul claro, cujo decote é bordado por um babado que vela o hombro, com a borda festonnada. Tres babados semelhantes formam a tunica.

Longa blusa de *lamé* de prata ornada de plissados.

A camisa, de typo quasi masculino, perdeu uma grande parte do seu valor: na actualidade sómente se usa debaixo doutra peça de roupa, de maneira que apenas se torna visivel na gola e nos punhos. Algumas mulheres continuam a usal-a para viajar e parece que será este o seu ultimo baluarte.

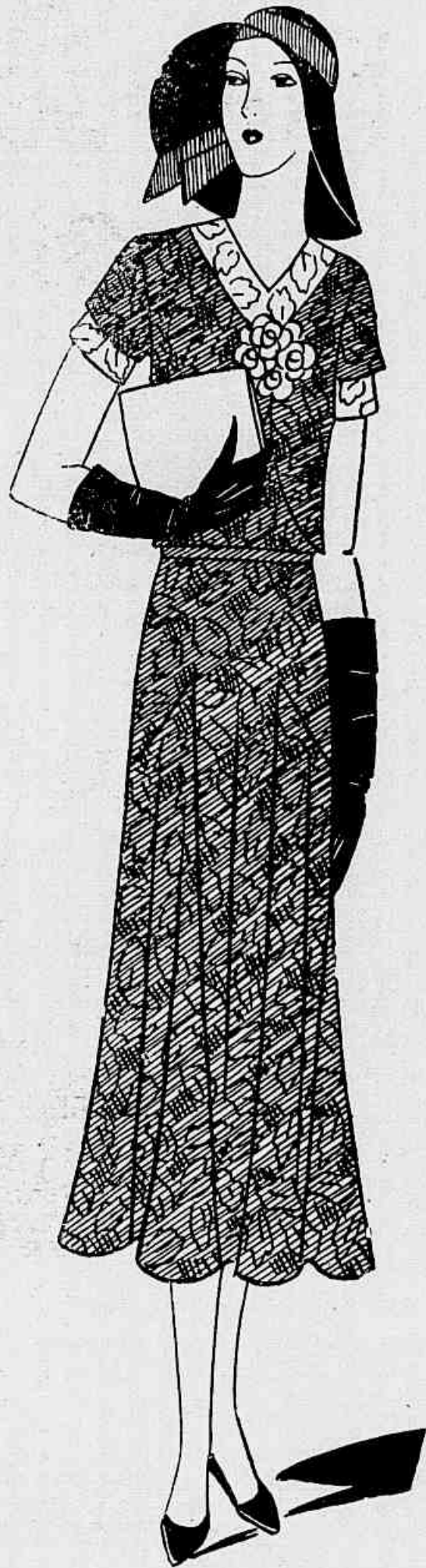
Por esta razão, todos os vestidos "tailleur" que se usam na cidade, mesmo os mais simples, se completarão por meio duma blusa *lingerie* enriquecida com "abertos", preguinhas, rendas e até com bordado inglez.

Assim, portanto, convém começar quanto antes a dedicar-se a estes trabalhos que, com certeza, as nossas leitoras não esqueceram. Não ha duvida de que debaixo duma jaqueta de sarja produzem um effeito magnifico.

Na actualidade domina a renda e não ha duvida de que veste mais do que o bordado, e é mais propria para o inverno.

Por exemplo, é lindissima uma blusa de setim branco creme, de mangas compridas e estreitas, adornada com tres entremeios largos de renda grossa do mesmo tom e collocada no sentido diagonal.

Em muitos modelos encontram-se os

Vestido de mousseline *brochée* marron. *Encolure* atada ao hombro. Saia cortada por tres babados dispostos em viéz.

Vestido de renda azul. Pequena *guimpe* de renda branca. Flores multicôres no corpo.

pequenos volantes de "Valenciennes" muito franzidas e dispostas de differentes maneiras. Por exemplo, viu-se um vestido de tarde, de velludo, de seda castanho escuro, adornado com volantes "Valenciennes" côr de ocre. As mangas são estreitas e o corpo, muito curto, tem por diante um effeito de bolero. O cinto, do mesmo tecido, fórma um laço do lado esquerdo; o decote, redondo e discreto. E, por fim, ha o detalhe encantador de que a parte inferior do vestido permitte ver cinco ou seis filas de renda dispostas no interior da saia.

As rendas offerecem, a mais, uma multidão de recursos, não sómente para a roupa interior, mas tambem para os *déshabillés* e os vestidos de casa. Por exemplo, já passou á historia o pyjama de modelo masculino e, actualmente, fazem-se coisas lindissimas, nas quaes imperam a fantasia e o bom gosto, com a vantagem de que, graças ao córte duma tal peça de roupa, a mulher não perde o seu aspecto feminino, que é um detalhe da maior importancia e transcendencia...

A. D'ENERY.

Vestido de *lainage* azul decotado em ponta. Prégas no corpete. Cinto de couro e saia de prégas.

Vestido de renda *beige* claro, cahindo nas costas n'um interessante movimento de capa.

Vestido de musselina estampada. Effeito de bolero no corpo. Saia de babados em forma, mais longa do lado direito.

Enlace Orminda de Oliveira — José Garcia de Castro Filho.

O cedro de Jussieu

Os jornaes francezes, muito apressadamente, estão já se preoccupando com o segundo centenario do celebre cedro do Jardim das Plantas de Paris. E' cuidar com muita antecedencia porque terão que esperar até 1934.

Foi, com effeito, em 1734 que Bernard de Jussieu dotou esse jardim com dois jovens cedros, dos quaes só um sobreviveu. Tinham-lhe sido dados, na Inglaterra, por Sloanes, director do jardim botanico de Kew.

Contrariamente ao que se conta geralmente, o grande botanico não os tinha trazido da Syria, dentro do seu chapéu; não se tinha privado, durante a travessia do deserto, da sua ração d'agua para regal-os. A historia é menos poetica que a lenda. Os dois pequenos cedros estavam dentro de vasos de barro. Na praça Maubert, Bernard de Jussieu deixou cahir um dos vasos. O vaso quebrou-se. O sabio recolheu o arbusto e seu torrão de terra dentro do seu chapéu, para transportal-o ao seu destino.

Já era sufficiente o cuidado que teve com os seus arbustos, dos quaes um vae attingir seu segundo seculo.

PENSAMENTO

O ambar é menos perfumado que os objectos tocados por aquella que amamos.

Londres, JANEIRO DE 1931

Para aquilatarmos do bom senso que preside á orientação das modas masculinas, basta dizer que todas as tentativas revolucionarias encalharam definitivamente na

intransigencia dos melhores alfaiates desta capital. Logo depois da Grande Guerra, por volta de 1920, 21 e 22, houve, por assim dizer, uma grande ansia de renovação. Alguns elegantes procuraram alterar a physionomia das modas masculinas e basta dizer que é conhecida em toda a Europa a tentativa do jornalista francez De Waleffe no sentido da implantação dos calções de velludo.

Tudo isso fracassou e as modas masculinas continúaram a seguir os modelos tradicionaes.

Tanto nos tons fundamentaes como no córte dos ternos, tem-se procurado de uma maneira completa seguir o modelo tradicional, indefinivel, mas que toda a gente sabe muito bem qual é.

A gravura que inserimos á esquerda representa um interessante modelo de traje de passeio, feito de casemira leve em tom azul-acinzentado.

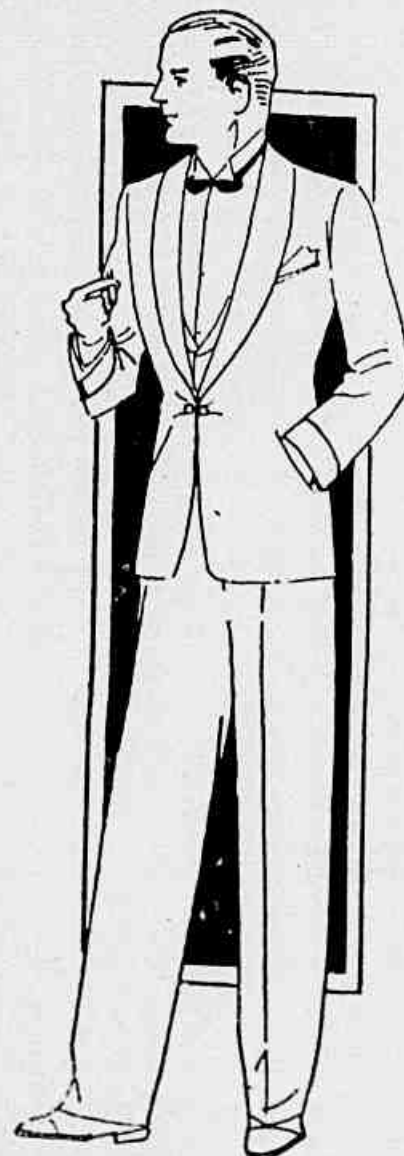
O chapéu de feltro, de copa alta e de aba revirada, deve ser em tom cinzento.

A gravata é azul forte apresentando pintas cinzentas. Notemos que o collete apparece um pouco. A golla, admiravelmente cortada, é recurvada a esmero. Este paletó apresenta dois ou tres botões e é um dos modelos mais interessantes que encontrei neste momento em Londres.

Seria interessante estudar a origem do smoking, tal como hoje o usamos. E' um dos trajes mais interessantes do momento actual e proporciona uma linha de suprema elegancia dentro da maior simplicidade.

O modelo que damos á direita representa um typo padrão que copiei dos figurinos de um dos melhores alfaiates de Londres. E' um modelo realmente admiravel pelo seu córte e pela sua simplicidade.

Nesta materia de smokings, gostaria de abrir espaço para algumas palavras.

Ha certas pessoas que usam estojos completos de abotoaduras e botões para o peitilho do smoking. Até ahi, nada de extraordinario. Mas o que é curioso, como já tive ensejo de notar, é que ha pessôas, propensas a uma fantasia exagerada, que chegam ao ponto de usar essas pequenas peças em tons coloridos. Confesso já ter visto um cavalheiro usando botões de um jade verde interessante. Ora convenhamos que tal coisa não está direito. As abotoaduras podem ser da fantasia que a pessoa muito bem entender, comtanto que sejam em

ouro ou platina, discretamente. Os botões do peitilho devem ser de perola, platina ou, por muita concessão, ouro muito discreto. Usar botões coloridos é realmente desagradavel.

PETER GREIG.

Mechanicos brasileiros e italianos reunidos no Campo dos Affonsos, junto do avião "Avahy" do nosso Exercito.

NOVO PREDIO DA LIVRARIA SALDANHA

A Livraria Saldanha foi fundada em 1911, no mesmo local onde foi agora construido o novo edificio, á rua Julio de Castilhos, esquina da Visconde de Pelotas; inaugurado em 11 de Dezembro, em Caxias, Rio Grande do Sul.

A parabola do chefe de Estado

Esta historia, em forma de apologo, foi escripta ha cem annos por um humorista francez.

Trata-se d'um chefe de Estado que, seu ministerio tendo pedido demissão, está preoccupado em formar um novo gabinete ministerial.

Está entregue a profundas meditações. Porque deseja entregar as pastas aos mais dignos, aos mais capazes, ao mesmo tempo que aos mais honestos e aos mais dedicados á patria.

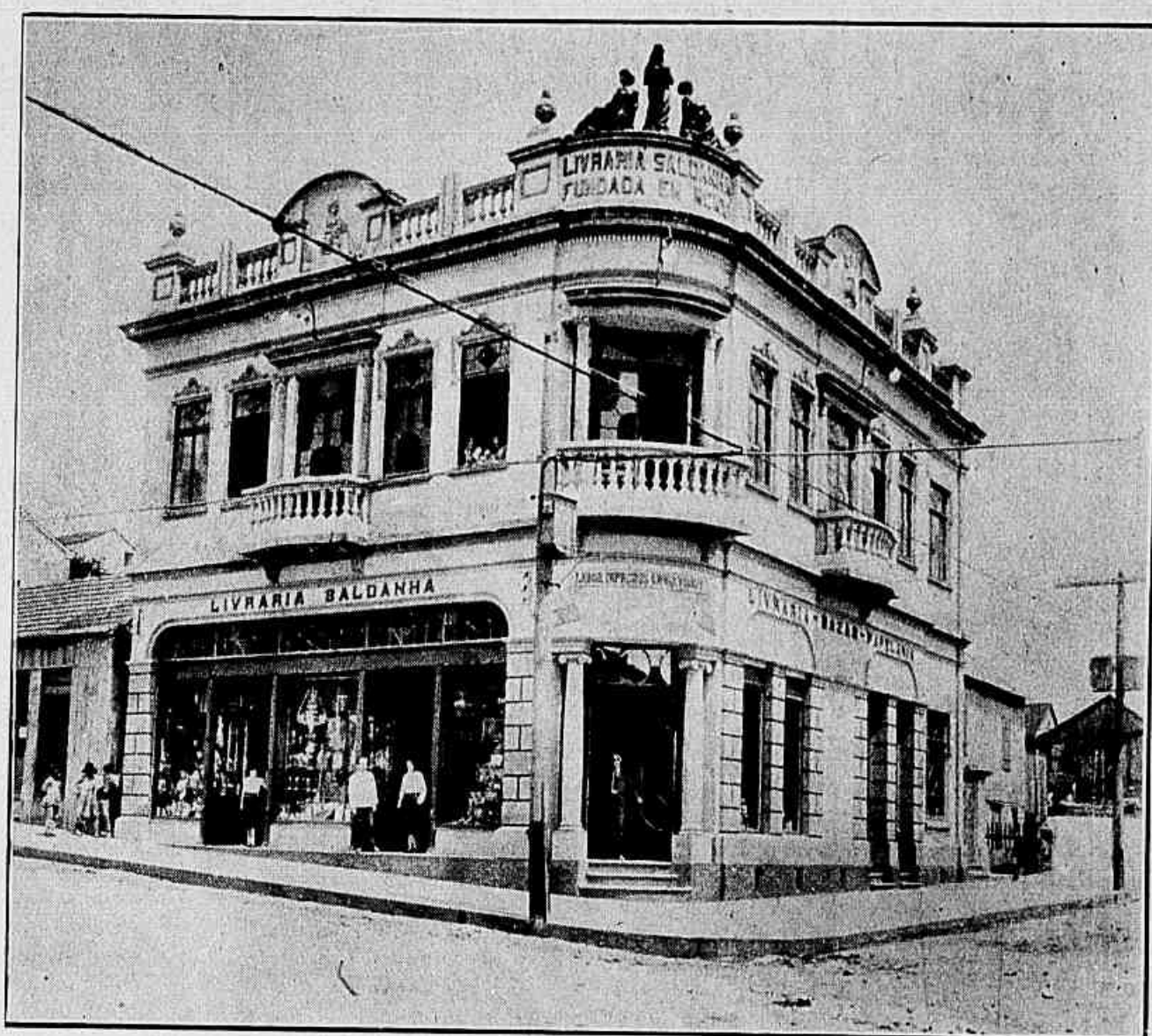
Vou, disse elle, chamar para as Finanças um homem que, mais que todos os outros, tenha feito, no commercio ou na industria, uma grande fortuna contra a qual nunca se haja levantado a menor reclamação.

E o bom chefe de Estado orgulha-se, agindo assim, de imitar o tzar Pedro o Grande, que quando queria nomear um prefeito passeiava na cidade, procurando a casa mais bem tratada, o jardim melhor cultivado, e confiava ao proprietario os negocios da prefeitura.

Para a Instrucção Publica, o chefe de Estado pensa dirigir-se a um litterato ou a um philosopho tendo tanta sensatez como talento; para a Guerra, propõe-se solicitar o concurso de algum general illustre por grandes acções e amadurecido pela experiencia.

Quanto á Agricultura, vae escolher para dirigil-a um homem que tiver conduzido uma propriedade agricola, pequena ou grande, na via do progresso e houver tirado o melhor partido.

Para o ministerio dos Negocios Extrangeiros precisava de um homem que não sómente conhecesse a fundo a geographia, a superficie, as forças, os pontos fracos, os interesses e as pretenções de todos os paizes do mundo como sabendo tambem a historia de todas as relações mantidas com seu proprio paiz em todo os tempos.

O mesmo ainda para a Marinha, os Trabalhos Publicos, o Commercio, querendo que cada departamento fosse governado pelo homem que tivesse mostrado mais aptidões, intelligencia, actividade e dedicação.

Emquanto meditava assim, o bom chefe de Estado folheava distrahidamente a Biblia que se encontrava por acaso sobre a meza, ao alcance da sua mão. E seus olhos cáem sobre esta parabola: "As arvores, tendo querido eleger um rei, dirigiram-se ás mais uteis d'entre ellas. Mas a oliveira recusou-se, por estar muito occupada em fazer seu azeite. A vinha excusou-se tambem: tinha de cuidar da sua uva e do seu vinho. Emfim todas recusaram. Sómente a silva acceitou porque, só ella, não tinha nada que fazer". O chefe de Estado, tendo lido isso, comprehendeu que não poderia compôr seu ministerio como tinha sonhado e que, na falta das competencias especiaes que tinha querido reunir, seria forçado a contentar-se com os homens que só fazem politica, quer dizer que, eguaes ás silvas, não produzem nada.

E' um humorismo, apenas um humorismo; é injusto, como todas as generalizações. Porque lá como cá, se houveram infelizmente mais ministerios incompetentes que competentes, não devemos ser ingratos: nem todos os politicos são parecidos com as silvas, muitos são aquelles a quem a patria muito deve.

PENSAMENTOS

O egoismo é uma especie de vampiro, nutrindo a existencia á custa da existencia alheia.

BALLANCHE

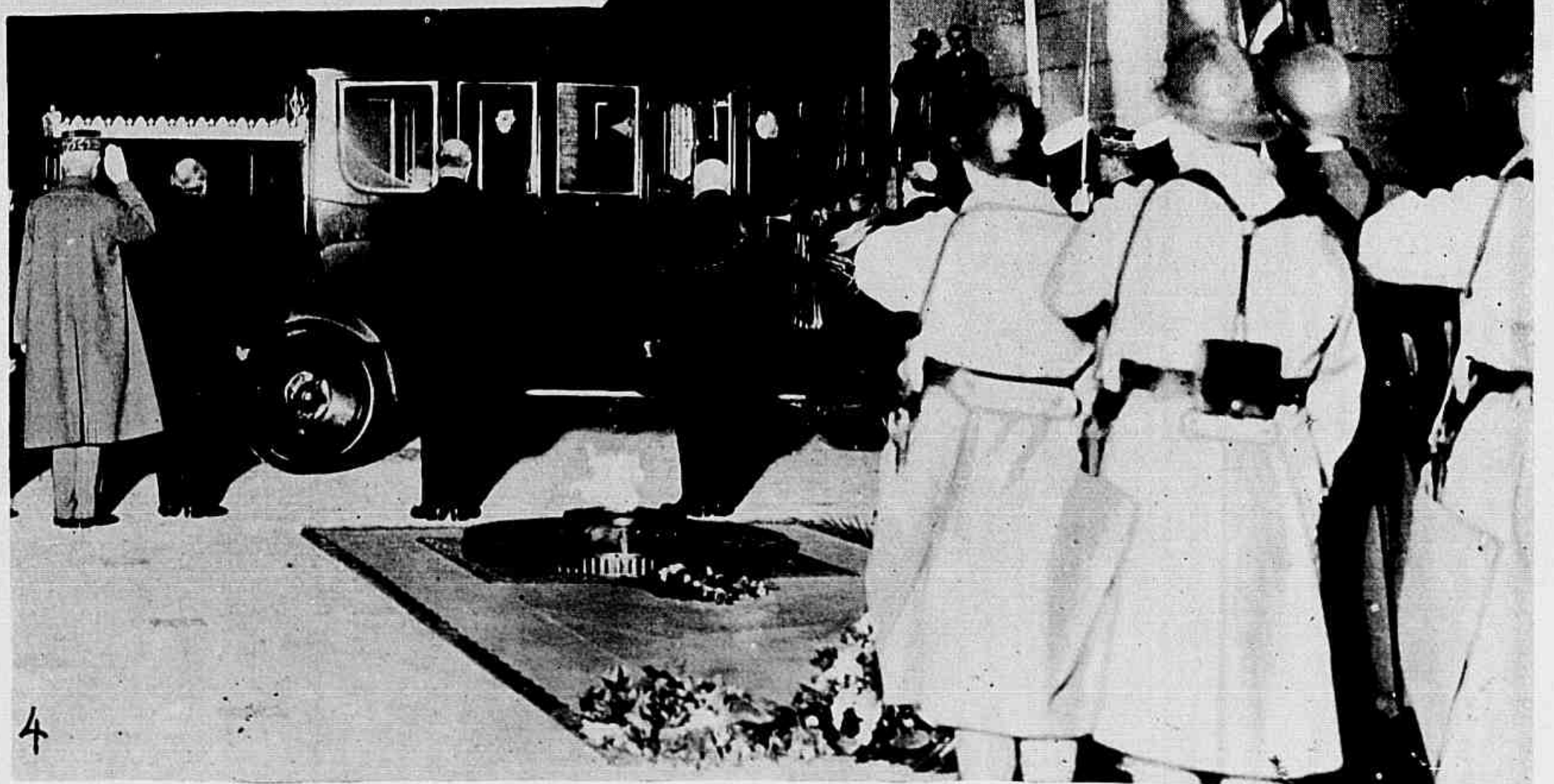
—

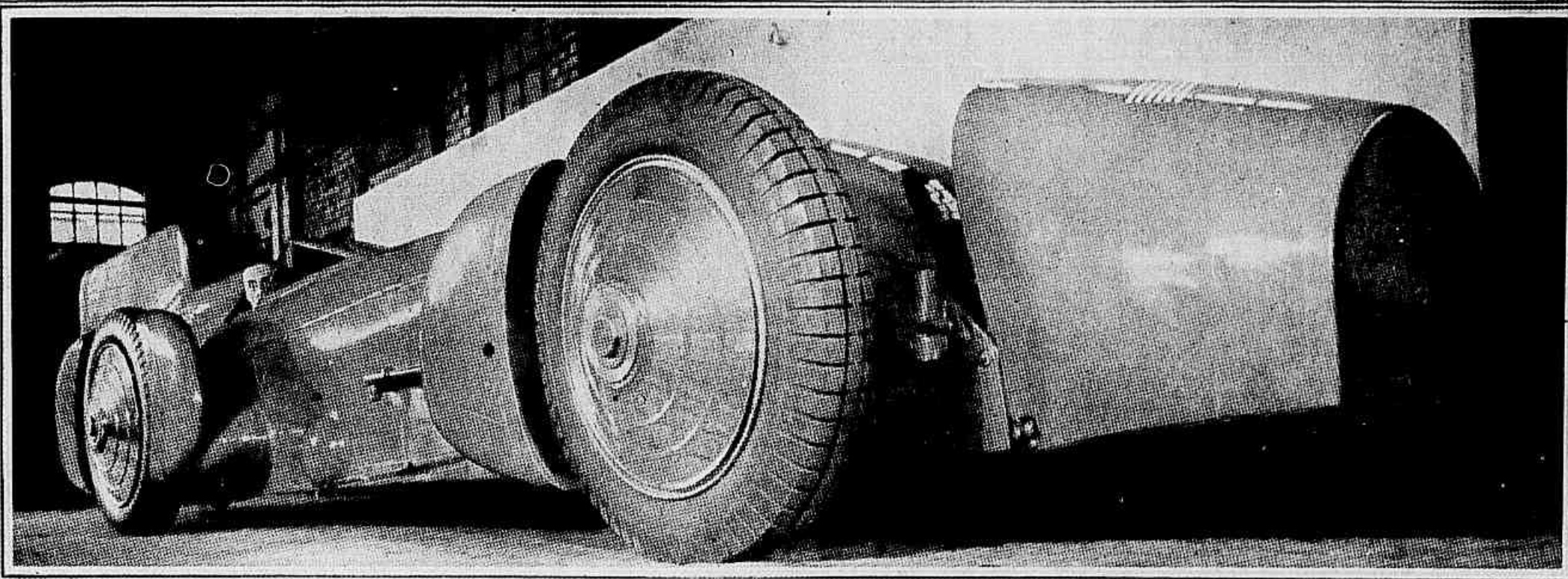
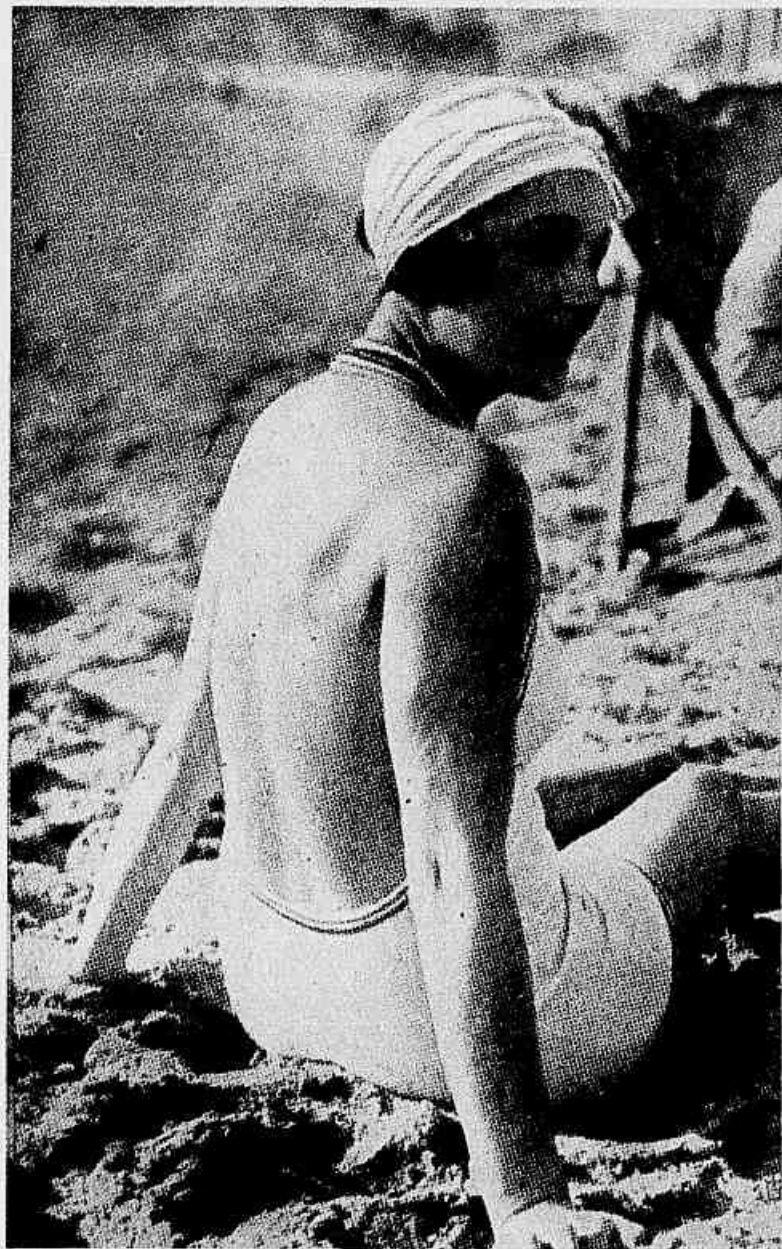
Os soffrimentos devem ser domados e não supportados.

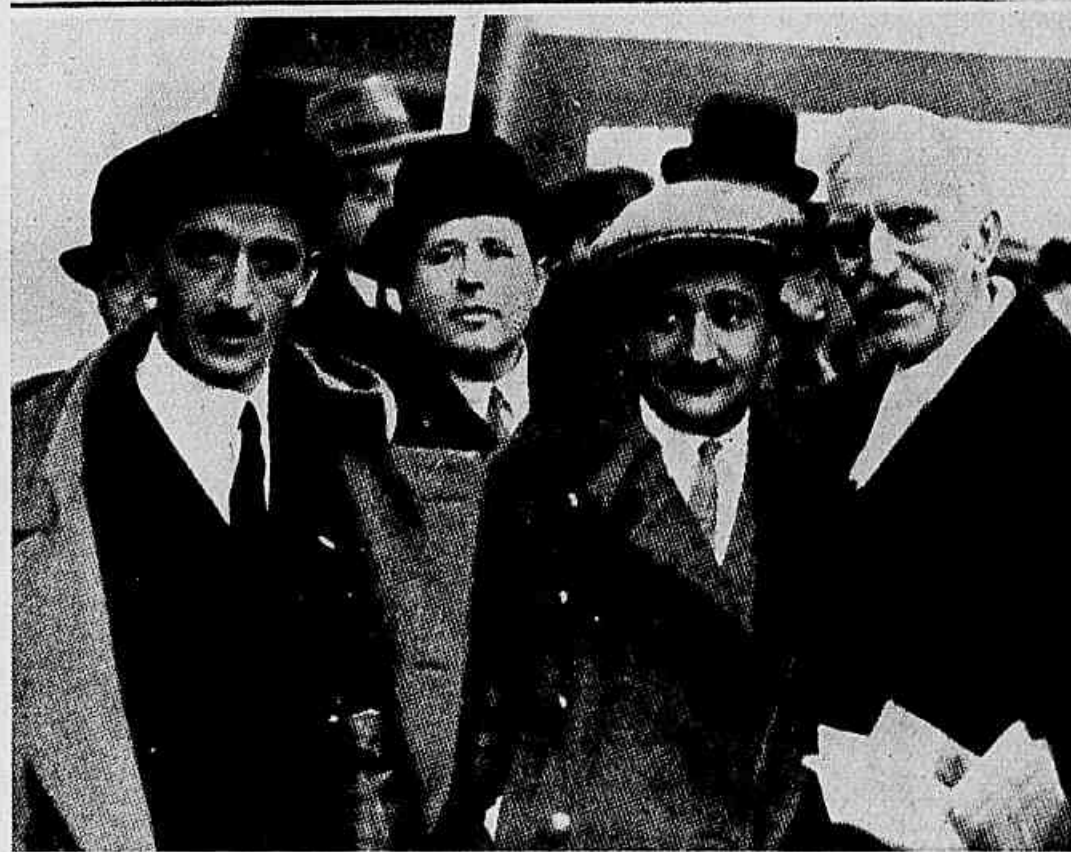
SENECA.

Uma caçada em automovel no centro d'Africa.

— E é generoso o teu noivo?
— Generosissimo. Dá-me tudo o que póde comprar... fiado.

OS FUNERAES DE JOFFRE

Com a morte do generalissimo de seus Exercitos, a França teve ensejo de demonstrar-lhe a gratidão imperecivel com que guardou no coração a sua figura de soldado. 1 — Os funeraes do Marechal; a bandeira da Legião Americana, no cortejo de 7 de Janeiro. 2 — Preparativos para os funeraes. Vista interior da Notre-Dame de Paris, onde ficou o corpo. 3 — Joffre recebe, com sua esposa, os parabens do sr. Doumergue, por occasião da inauguração do monumento ao vencedor do Marne, em Chantilly. 4 — O corpo de Joffre é transportado, em 6 de Janeiro, para Notre-Dame, depois de uma commovente estação sob o Arco do Triumpho; aspecto tomado durante o minuto de silencio.

O QUE VAE PELO MUNDO

O novo "Passaro Azul" do capitão Malcolm Campbell, de 12 cylindros, com 1.140 libras de peso e com a força de cerca de 1.450 h. p.

Em Nice, as Evas de hoje entregam-se á tarefa de bronzear o dorso na praia, á luz do sol. Se ellas aqui apparecessem assim... talvez as novas determinações da policia das praias lhes obstasse os desejos.

A pequenina Dorothy de Borba, contratada em Hollywood pelo salario — phenomenal para uma creança — de 100 libras esterlinas por semana. Dorothy apparece em comedias.

Ramon Franco, o grande aviador espanhol que, por motivos de revolução, foi obrigado a fugir voando. Chegando a Antuerpia, foi abraçal-o o coronel Macia, exilado tambem. A' direita de Franco, o mechanico Rada, que com o celebre *raidman* de Espanha-Brasil veiu ao Rio.

O denunciador infallivel de avarias, apparelho inventado por um engenheiro norte-americano e com o auxilio do qual, baseado nos raios X, se descobre o lugar exacto onde se deu a avaria. Na gravura vê-se a fórma, collocação e disposição do engenhoso mechanismo.

Em uma quinta que o duque de Hornachuelos possue em Cordoba realizou-se uma caçada em honra do rei Affonso XIII, de Espanha. Vêde o sorriso do Rei, do general Saro, do general Cavalcanti, num descanso da festa. Um sorriso de esperança e confiança nos destinos da Espanha...

A' esquerda — O vulcão Dromo, na ilha de Java, actualmente em plena actividade.

Quando a Luz morre...

POR Berilo Neves

O crepusculo é uma agonia. Por isso é triste. Por isso acorda em nós todas as agonias adormecidas — que são as saudades... Na antemanhã quem agoniza é a Treva — e ha farrapos de sombra soluçando no Espaço. No crepusculo da tarde, quem agoniza é a Luz — e ha raios de sol, moribundos, no Infinito. De qualquer fórma o crepusculo é uma extrema-uncção.

A hora de Vesper é a mais bella porque é a mais humana. Que a Treva morra, é o destino das trevas... Mas que a Luz agonize? Tudo são, logo, sombras inquietas, sombras-fantasmas, que falam da Noite e da Morte, que se assemelham no destino das cousas e dos sêres... A Treva morre serenamente, porque é já uma cousa morta. A Luz, não: morre em estertores como uma creatura humana, clamando pela Vida e sentindo a envolvel-a a mortalha inflexivel da Morte.

A Luz morre como os genios: projectando chammas, irradiando claridades, accendendo incendios... Cada um dos seus soluços é uma fulguração; cada uma das suas dôres, uma aurora... A propria Terra (que, ás vezes, é fria e indifferente como a Morte) estremece toda como uma mãe que tem nos braços, moribundo, o seu filho mais bello. As arvores estendem para o céu, como numa prece, os seus galhos, cheios de desespero; as montanhas (como homens, que não sabem chorar...) ficam mais hirtas e de uma mudez mais profunda; os regatos deixam de cantar alegremente as canções populares da floresta, e o proprio mar, devorador implacavel de todas as fórmas vivas, sustém o seu bramido e medita...

E' que a Luz, como a Vida, não nasceu para ser aniquilada nos braços frios da Morte. Ha uma Eternidade palpitando no intimo de todas as scentelhas — seja uma Intelligencia, seja um Fogo-Fatuo... A Morte é um decreto que veiu como um castigo, para fins politicos... No Principio, só a Vida existia... Depois é que começaram a morrer as borboletas e as flôres.

De todas as cousas que scintillam, só uma é immortal: o diamante. Porque é pedra... Porque não tem alma... Porque soffreu, no amago da Terra, o supplicio depurador das temperaturas exaggeradas... O diamante é uma lição aos que desejam a outra immortalidade, a que vem depois da morte...

No crepusculo, todos os seres semelham fantasmas. Dir-se-ia que a alma do Universo se transfigura em milhões de almas, que andam a soluçar pelas folhas, pelos ramos, pelas aves, pelas aguas... A roda de um moinho parece a cruz do Viatico... A sombra de um batel lembra a fórma de um esquife... As arvores e os arbustos curvam-se sobre o espelho liquido das aguas e parecem despedir-se da sua propria fórma, da sua propria physionomia, de si mesmas, emfim...

Ao longe as montanhas envolvem-se em mantos de sombra, que lembram a estamenha dos monjes. Com certeza vão rezar, em commum, as vesperas...

Ha uma angustia infinita suspensa por toda parte. Os passaros mais brincalhões e traquinas, como os pardaes, calam-se ou baixam o diapasão do seu canto alegre. Dir-se-ia que a Natureza tem pudor em quebrar a serenidade mystica dessa hora de recolhimento e de meditação. E' a hora em que todas as almas, ainda as menos devotas, rezam na pequenina capella do coração...

Onde estiver uma creatura pensativa á hora do crepusculo, está um altar, e está uma prece... Não ha atheus ao pôr do sol...

Se existe um instante, um fugitivo minuto, em cujo decurso revivam os mortos, esse é o do crepusculo vespertino... Ouvem-se no ar ruidos indistinctos, que não parecem provir da Vida... Ha sons que se nos afiguram partir dos recessos profundos da Eternidade. São ruidos immateriaes, e sons que os instrumentos humanos não saberiam produzir... Sente-se, em tudo, a mudez sonora de milhões de vidas que deixaram de viver... Esses ruidos, esses sons, essas vozes não ferem os tympanos vulgares. Vindos do Infinito, só a alma os pode ouvir, só o coração os recolhe...

O crepusculo é uma extrema-uncção. A luz morre numa face da Terra para resuscitar, mais luminosa do que nunca, na outra face... E' o principio eterno da equidade dos bens divinos. Se ella não morresse, haveria um mundo perennemente em sombra. Porque é justa, agoniza; porque é eterna, resuscita...

A vida humana tambem é assim: a maior segurança da sua immortalidade é a sua mortalidade. A Morte é uma transição, como o crepusculo. A luz que se apaga na Terra ha de renascer, um dia, no Infinito. Esta segurança não exclue porém aquella dor....

Nem por ser a vespera da aurora, é menos triste e menos dura a Noite. O crepusculo é uma agonia porque é uma separação... E no fundo de toda separação ha uma saudade em flôr...

Finanças Regenciaes

por Escragnolle Doria

"Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que Hei mui voluntariamente abdicado na pessôa de meu muito amado e prezado filho o Senhor D. Pedro de Alcantara.

Bôa Vista, 7 de Abril de 1831, 10.º da Independencia e do Imperio — Pedro"

D. Pedro I já não era mais imperador do Brasil, onde de menino fôra a moço, de principe a soberano. O filho, herdeiro de throno, contava cinco annos. Consultada a Constituição do Imperio, mandava esta, durante menoridade de monarca, fosse o Brasil governado por uma regencia á qual pertencesse o parente mais chegado do principe menor, segundo a ordem successoria, parente aquelle maior de vinte e cinco annos.

D. Pedro de Alcantara menor estava sem parentes, em taes condições. Mandava de novo a Constituição do Imperio: a Assembléa Geral, Senado e Camara, elegeria regencia trina, presidida pelo regente mais velho em idade.

Emquanto a Assembléa não elegesse regencia, governaria o paiz regencia provisoria, composta dos ministros do Imperio e da Justiça e dos dous conselheiros de Estado mais antigos em exercicio. Presidiria a regencia provisoria a imperatriz viuva ou na sua falta o mais antigo conselheiro de Estado.

Nenhuma das hypotheses occorria no momento da menoridade de D. Pedro de Alcantara, nem siquér se achava reunida a Assembléa, apenas na Côrte alguns senadores e deputados.

Conhecida a abdicação, reuniram-se elles todos no paço do Senado, e ás pressas, no susto do que tanto podia ser republica ou anarchia, elegeram regentes provisorios um militar e dous juristas, Lima e Silva, brigadeiro, Caravellas e Vergueiro, doutores de Coimbra.

Tratou a regencia provisoria de crear ministros á sua imagem e conveniencia politica. Chamou para a pasta da Fazenda a José Ignacio Borges, senador pelo Ceará.

Mez e pouco após a abdicação abria-se a Assembléa Geral, dando-lhe contas o ministro das mesmas, o da Fazenda. Calculando orçamento para 1832-1833 accusava deficit de cento e vinte e cinco contos. Até ao anno financeiro de 1829-1830 a divida passiva, inclusive a fluctuante e os emprestimos externo e interno, levara o cambio a 23 para fim do primeiro reinado.

Em auxilio do titular da Fazenda crearam-se o Tribunal do Thesouro Publico Nacional e as thesourarias provinciaes.

A 18 de Julho de 1831 a Assembléa Geral reunia-se para escolher regentes. Confirmou no cargo o brigadeiro Lima e Silva, elegendo dous regentes nóvos, Costa Carvalho e João Braulio Muniz.

O ministerio de 7 de Abril de 1831 acompanhou a sórte da regencia provisoria trina, cessando com ella. O seu ministro da Fazenda, o senador Borges, propuzéra o nosso primeiro *funding*, suspendendo por cinco annos os juros e a amortização dos emprestimos externos, applicadas annualmente as sommas arbitradas para o fim ao resgate da moeda de cobre. Discutida a proposta ministerial Borges, com muita vehemencia, e parecer contrario de commissão especial, foi rejeitada por grande maioria parlamentar.

O *funding* só seria caso de administração republicana, a de Campos Salles.

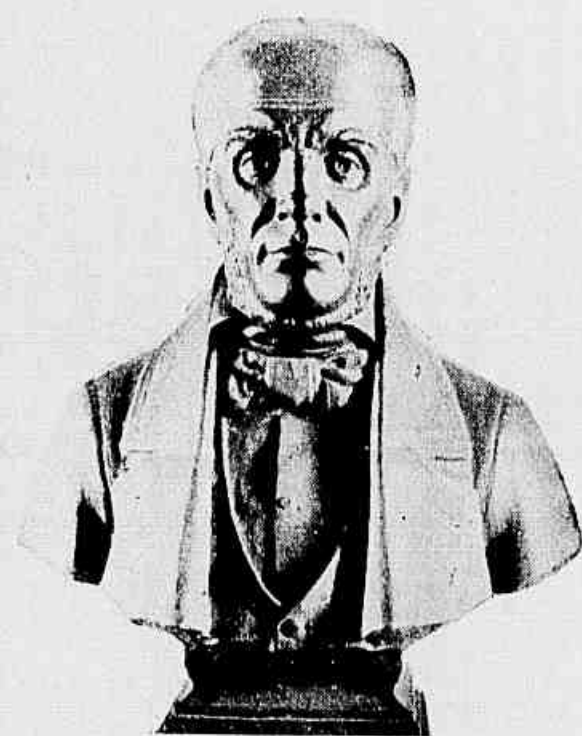
Eleita a Regencia Permanente — Lima e Silva, Costa Carvalho, João Braulio Muniz — tratou ella de formar ministerio como a Provisoria Trina, e quatro gabinetes contaria no seu activo historico.

No primeiro ministerio da Permanente figuraram, ministros da Fazenda, Bernardo de Vasconcellos e Rodrigues Torres, o futuro Itaborahy.

A 15 de Dezembro de 1830 fôra sanccionada a primeira lei orçamentaria emanada do poder legislativo desde 1822, organizada a lei com espirito de economia alem de cuidado pela cousa publica.

D'ahi em diante o parlamento começou a votar orçamento annual, sanccionado pelo executivo, para os ministros da Fazenda espelho do qual não deviam desviar rosto.

O primeiro gabinete da Regencia Permanente viveu um anno; um mez viveria o segundo, em 1832, tendo por ministro da Fazenda Hollanda Cavalcanti. Este vio rejeitado pelo legislativo o alvitre de emissão de apolices até tres mil contos, "por ser o meio proposto pelo ministro para haver a quantia pedida o mais prejudicial á nação".

Em 1832 organizar-se-ia o terceiro gabinete da Regencia Permanente, destinado a viver dous annos e quatro mezes de Setembro de 1832 a Janeiro de 1835. Teve o gabinete quatro ministros da Fazenda: Vergueiro, Araujo Viana, Chichorro e Castro e Silva.

Pedro de Araujo Lima,
o regente ultimo da Regencia (1837-1840).

Em 1833, cambio de 32 a 41, as finanças regenciaes iam melhor fiscalizadas, distincta a despeza pessoal da material. Afóra exercito e armada, contava o paiz cerca de oito mil funccionarios publicos, custando cinco mil contos, a média de seiscentos e vinte e cinco mil réis por funccionario. Grande o numero de pensionistas e aposentados, tres mil e duzentos, consumindo com elles a nação quasi oitocentos contos ou duzentos e quarenta e sete mil réis por individuo.

Em 1834 cabia ainda a Araujo Viana, ministro da Regencia, inteirar o parlamento da pecunia publica, mostrando a progressão crescente de paiz novo qual o Brasil, de urgencia novos impostos ou augmento dos vigentes.

Applicando ao corpo orçamentario preceito relativo ao corpo physico, Araujo Viana mostrava a nocividade ou impraticabilidade de cercear despezas nos diversos ramos do serviço publico em paiz em principio de vida:

"Não é o severo regimen da dieta, aliás recommendavel para a conservação das forças do homem de edade avançada, o meio mais proprio para desenvolver as faculdades physicas na juventude e conservar-lhe o vigor."

Assim se exprimia o ministro da Fazenda de 1834, Araujo Viana, sem alteração da divida externa, cambio de 32 a 47, a Regencia a braços com a pacificação de cinco provincias, obtida ella no Ceará e Maranhão. Agradecia a regencia ao parlamento, em nome do imperador menor, pela falla do throno de Maio de 1833, "o desvelo verdadeiramente patriotico posto no melhoramento do meio circulante, até obter a nação efficaz remedio aos males provenientes da viciosa circulação monetaria."

A Regencia Permanente trina, depois dual, por se haver retirado para S. Paulo e a silencio o regente Costa Carvalho, tornou-se una, com Lima e Silva, fallecido João Braulio Muniz.

Teve a Regencia Permanente, com as suas diversas modificações, um bom e constante ministro da Fazenda, Manoel do Nascimento Castro e Silva, cearense e deputado pela provincia natal. Foi ministro de gestão longa, muito dilatada para o Brasil, de 1834 a 1836. Fez quanto poude, lembrou quanto devia.

Votado e promulgado o Acto Addicional, em 1834, a regencia do Imperio, verdadeiro regimen republicano com rotulos imperiaes (d'isso tambem se vira em Roma) passou de trina a una, eleito o novo regente com mandato quatriennal, para mais accentuar caracter republicano.

O suffragio do paiz, bem ou mal encaminhado ás urnas, sentou na cadeira regencial, de vice-imperancia, homem de corôa, mas de padre, Diogo Antonio Feijó.

Chamando a auxilio primeiro ministerio, a 14 de Outubro de 1834, Feijó conservou na pasta da Fazenda o do gabinete ultimo da Regencia Permanente, Castro e Silva, ainda na pasta no segundo e terceiro ministerios da regencia Feijó, os de 5 de Fevereiro e 10 de Novembro de 1836.

Tres annos esteve Castro e Silva á testa das finanças publicas, geridas com bom senso e honestidade, e ellas não precisam de muito mais.

Justificam aquelle bom senso, aquella honestidade o juizo do barão de Studart sobre o illustre conterraneo cearense muito prezado pelo Ceará, sempre a collocal-o em listas senatoriaes até escolha da corôa, já na cabeça juvenil de D. Pedro II em 1841.

Attribue Studart a Castro e Silva, com a sancção da historia patria, inteireza de animo e justiça, senso pratico e methodico, consultados ainda os trabalhos de Castro e Silva. Todos os regulamentos das alfandegas e repartições fiscaes do Imperio tiveram por origem o regulamento Castro e Silva de 1836.

Bernardo de Vasconcellos,
o grande ministro da ultima Regencia.

Esse ministro da Fazenda, durante tres annos, morreria senador, em 1846, legando á familia reduzido monte-pio, votada pelo parlamento pensão annua de oitocentos mil réis em recompensa de serviços á nação e ao seu erario.

Estava escripto, sem fatalismo musulmano, que Feijó, o padre catholico, não exerceria o mandato regencial de quatro annos. Em 1837 Feijó deixava a regencia, tendo n'ella presidido quatro gabinetes e tido dous ministros da Fazenda, Castro e Silva e Alves Branco, este de Maio a Setembro de 1837.

Após Feijó coube a regencia interina a Araujo Lima, ministro do Imperio no momento da renuncia do padre paulista cujo manifesto de adeus ao poder, dirigido aos brasileiros, contém phrases que não sabemos se algum homem ao presente escreveria:

"Não devo por mais tempo conservar-me na regencia; cumpre que lanceis mão de outro cidadão que, mais habil ou mais feliz, mereça as sympathias dos outros poderes politicos".

Regente interino, Araujo Lima recebeu gabinete, o de 19 de Setembro de 1837. D'elle foi ministro da Fazenda Calmon, o qual expunha ao parlamento o estado das finanças publicas. Comparando o total da nossa divida (mais de cincoenta e quatro mil contos) com a sua renda, mostrava que excedia cinco vezes a esta, cousa animadora pela comparação com outras nações, fluctuando o cambio entre 27 e 30.

Eleito regente, em fins de 1838, por mais de quatro mil cedulas, Araujo Lima, em principio de 1839, veria chamado á pasta da Fazenda um lente de mathematica, Candido Baptista de Oliveira. Annunciava ao Parlamento a quasi conclusão do substituto da moeda de cobre, lembrando a temporaria provincialisação das notas do papel-moeda, modo de melhorar o meio circulante monetario.

Na regencia Araujo Lima contrahiriamos na praça de Londres, com Samuel e Philippe, um emprestimo de trezentas e doze mil e quinhentas libras para occorrer ao deficit dos ministerios da Fazenda, Marinha e Guerra.

A regencia Araujo Lima, como a anterior, chamaria a poder quatro gabinetes, quatro ministros da Fazenda, Calmon, Candido Baptista, Alves Branco e Silva Maia, este o ministro do Imperio cuja eleição em Minas fôra a pedra de toque da impopularidade de D. Pedro I nos ultimos dias de reinado luso-brasileiro.

Não poucas difficuldades herdára a segunda regencia una da primeira; havia muito aberta a chaga da guerra na provincia do Rio Grande do Sul, travando-se em briga fratricida imperiaes e farrapos, estes de cartel posto no separatismo.

Em 1840 o partido liberal agitou no parlamento, nos clubes e nas ruas a idéa da Maioridade e aquelle anno se não concluio sem que a idéa fosse proposta, discussão e realidade.

Proclamado maior D. Pedro II, aos quinze annos, cessava a Regencia, d'ella Silva Maia ultimo ministro da Fazenda.

Deixava a Regencia o cambio a 31, confessando que na realização da despeza decorrera deficit em todos os exercicios excepto um, o de 1836-1837. De Julho de 1840 em diante começava vida politica nova para o Brasil, a do segundo reinado, presidido por um soberano de quinze annos, a crescer entre os homens de maior estatura civica do paiz.

Escragnolle Doria

4.ª R.ª

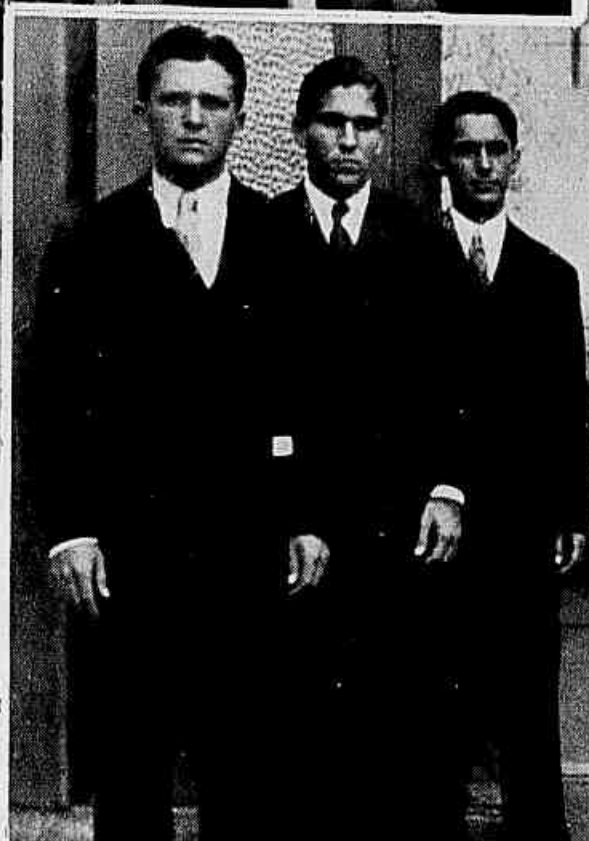
Rio de Janeiro 9 de Março 1833. Rs 7:212$319

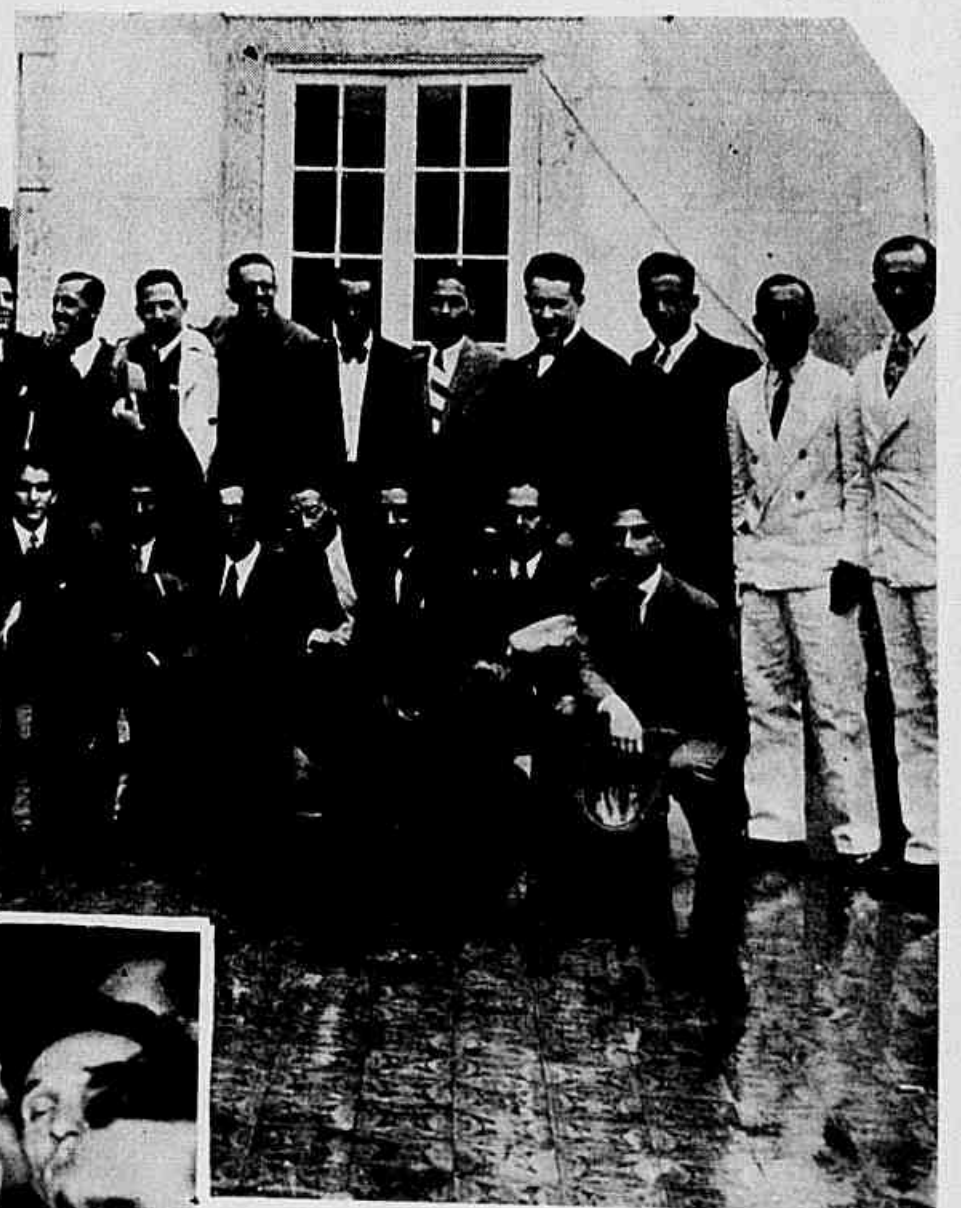
A Tres mezes precisos da Data Desta — pagará V. M. — por esta minha unica via de Letra Segura a mim ou a minha Ordem a quantia acima de Sette Contos e Dois Mil Trezentos e Dezenove Reis — Valor de mim Recebido — e no dia de seu vencimento fará o prompto pagamento que Costuma

Ao Snr. Giacomo Azzali
S. Lourenço —
Aceito Giacomo Azzali

Uma lettra no tempo da Regencia (1833).

OS ENGENHEIROS DE 1930

Os engenheiros de 1930, ás portas da igreja de S. Francisco de Paula, após a missa mandada resar em acção de graças pela terminação do seu curso.

Grupo dos novos engenheiros electricistas, mechanicos e industriaes.

Os engenheiros civís da turma de 1930.

Grupo dos novos engenheiros geographos.

O compromisso dos novos engenheiros no salão nobre da Escola Polytechnica, perante o sr. Francisco Campos, ministro da Educação.

Dormir, sonhar...

POR JOÃO LUSO

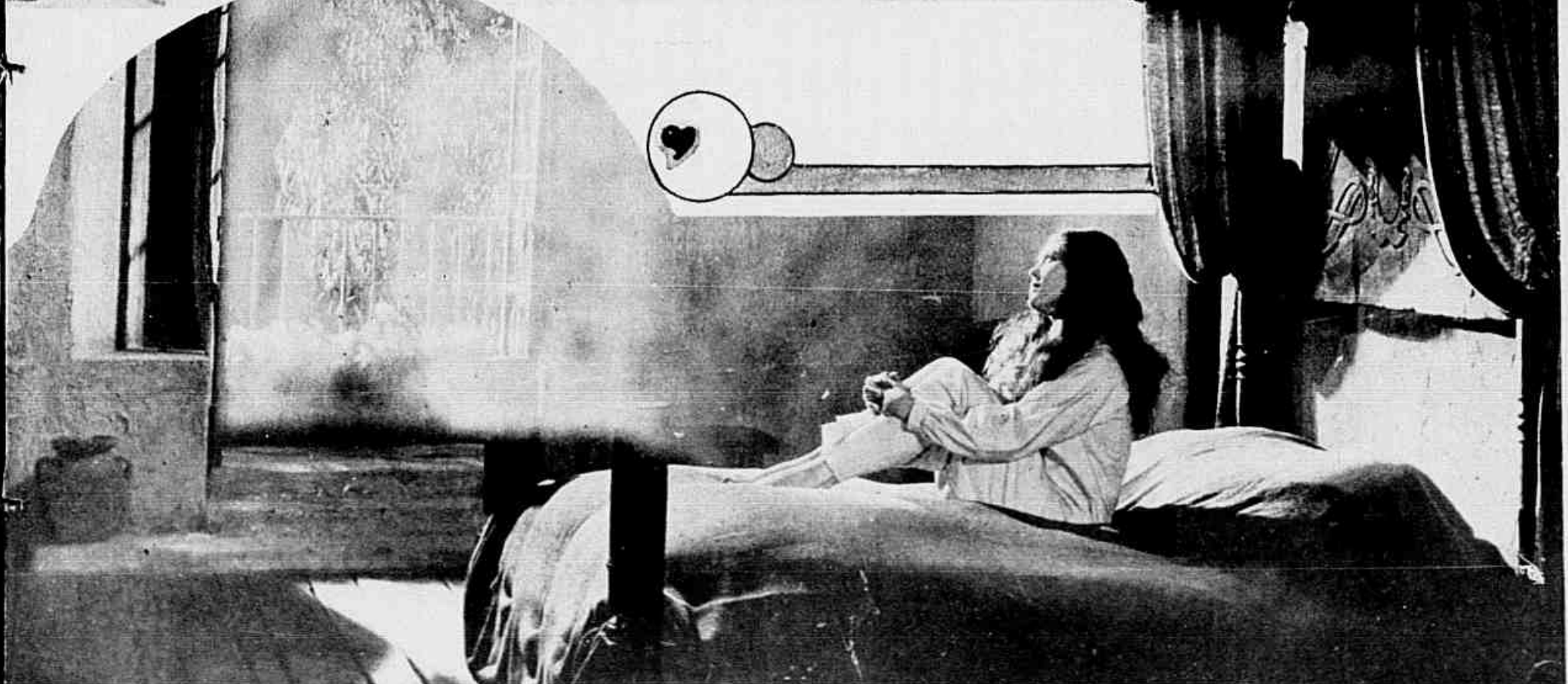
— Pois eu, dizia-me, num desses bailes de fim de anno, uma senhora de cabellos negros, espessos, mysteriosos como a noite, e olhos, como a noite, cheios de sonhos — eu, se pudesse, não dormia nunca. — Tinhamos ficado sózinhos á meza da ceia; os companheiros dansavam. Era um tango indolente, havia uma especie de silencio... — Ao aproximar-se, continuou ella, o momento em que a realidade das coisas nos foge e os olhos se nos fecham para o mundo, invariavelmente me invade uma tristeza presaga. Tenho a impressão de perder, com as imagens em torno, alguma coisa de mim propria. E uma voz interior, como um aviso ou uma ameaça doDestino, me diz que, numa dessas passagens da vigilia para o somno, realmente partirei para não mais voltar. Oh, não chega a ser uma obsessão tragica, alucinante! Tudo se limita, até agora pelo menos, a um sentimento vago, sobre o qual não vale a pena consultar o medico nem pedir conselhos aos amigos...

Era o mesmo, evidentemente, que prohibir-me qualquer tentativa para lhe tirar aquillo da cabeça. Já eu, com effeito, preparara uma phrase meio philosophica meio madrigalesca... Não tive remedio senão deixal-a para outra occasião — talvez bem menos oportuna e agradavel. E a dama proseguiu:

— Sem duvida o que eu receio vem ainda longe... Nem por isso deixo de dilatar o mais possivel os momentos tão ditosos, tão preciosos e sempre, ai de mim, tão rapidos, entre o deitar e o adormecer. E' para o leito que reservo as meditações mais sérias, as mais doces recordações, os mais grandiosos calculos e projectos de porvir, e os melhores livros. A languidez que fatalmente me invade os nervos, resisto uma, duas, vinte vezes, mudando de posição, arregalando os olhos, buscando a eloquencia profunda e a maxima belleza das narrativas ou dos poemas. E sempre o livro me tomba para o lado e deixo a lampada accesa. Considero o somno meu inimigo—o mais feroz de todos ou antes o unico — porque me furta, por tantas horas em cada dia, as graças e riquezas da vida. Já ella corre tão depressa... Quando, a proposito de qualquer acontecimento, o confronto das datas me faz lembrar o tempo que passou, tudo me parece uma voragem, uma vertigem. Revejo os mezes e os doze mezes succederem-se como relampagos... Como a vida, tão cheia de formosura e maravilha, se precipita aos nossos olhos! E ainda o Somno todos os dias vem e nol-os fecha, roubando-nos a contemplação do divino espectaculo da Terra!

Pelos hombros morenos da dama passou um fremito de horror. Os seus cabellos fortes e retintos, que se emaranhavam como os pensamentos de quem está ás escuras; os seus olhos tenebrosos e suaves, dum negrume de abysmo que sorrisse; toda a sua figura estremeceu, se transiu, a um sopro de fatalidade. Depois, mais serena, a bella senhora continuou:

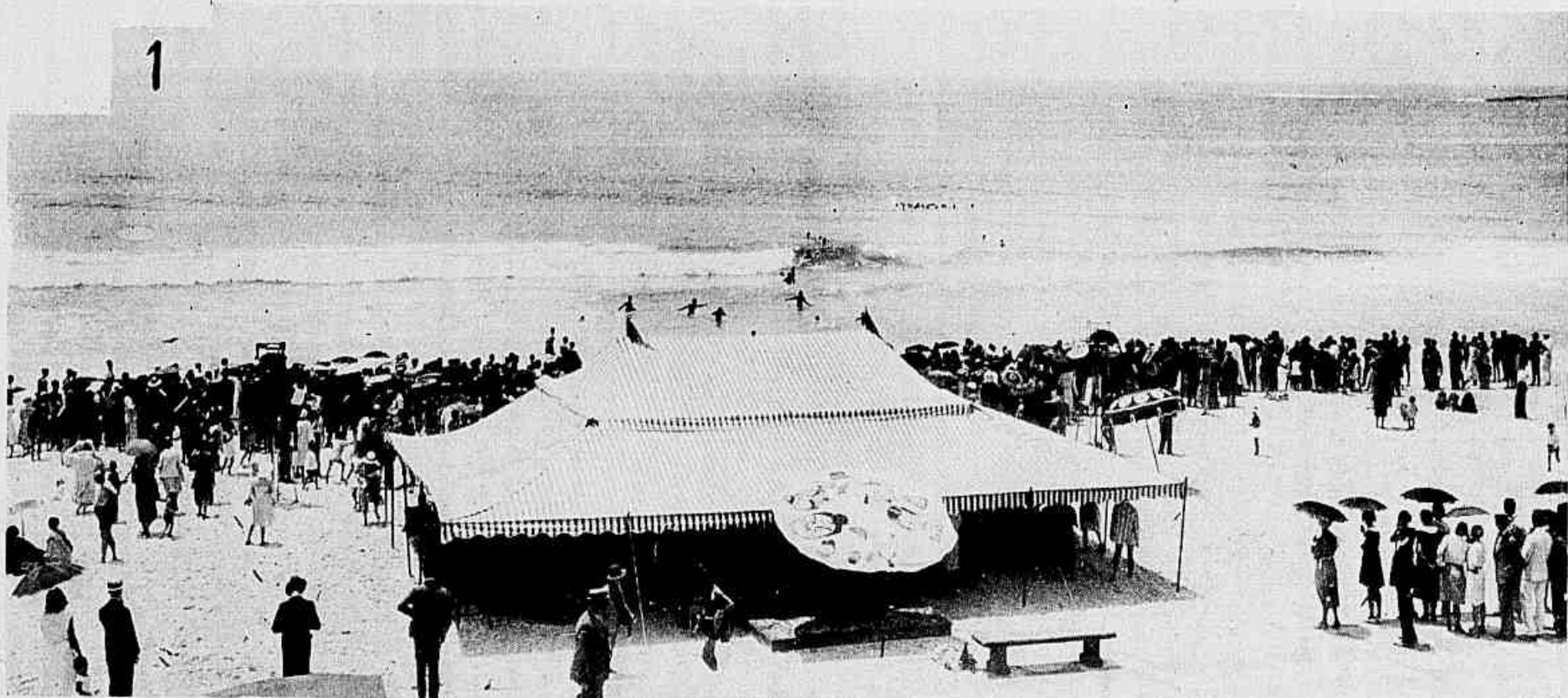
— Só aquelles para quem esta vida não constitue um perenne enlevo — porque se lhes não reveia, naturalmente — podem louvar e desejar o somno. Tenho idéa de haver lido, o que não sei é onde, uma phrase de Chateaubriand: *Le sommeil dévore l'existence, c'est ce qu'il a de bon*... Talvez isto exactamente, talvez mais palavra ou menos. Mas o genio que concebeu o *Genio do Christianismo* foi sempre, no seu immenso orgulho, um melancolico e um pessimista. Perdia-se nos meandros da Historia, alheiava-se nos transportes da Tragedia, fugia para o Romantismo e para a Poesia — tudo, porque não aprendera simplesmente a olhar a verdade sempre magnifica das coisas ao redor. Os seus olhos de aguia só se sabiam fitar ao longe. E, sendo desde creança — como diz um dos seus biographos — o typo do "sonhador tristonho", precisava de sonhar daquella outra maneira que o somno proporciona. Todas as creaturas, porém, que amam a vida — e nunca tanto quanto ella merece — de bom grado dispensariam, se pudessem, o somno e as suas dadivas falaciosas. São as horas mais mal empregadas do dia. E' a peor maneira de se perder o tempo. Na melhor das hypotheses, quer dizer no mais feliz dos somnos, fica a gente immovel, inconsciente, incapaz de tudo — como morta. Já sei, já sei o que o meu caro amigo vae dizer!

Juro que, desta vez, não ia dizer coisa alguma. Como ha pouco, porém, curvei a cabeça, vencido e resignado. E a dama de cabellos mais negros que o crime e olhos mais doces que o perdão acrescentou:

— Vae me falar do sonho. Oh, a delicia, a ventura de sonhar! Talvez, sim, o sonho represente alguma coisa de bello e desejavel... para as pessôas destituidas de imaginação. Por mim, sinceramente declaro: em geral, não sonho coisa que preste ou dalgum modo se me torne agradavel. Todos os sonhos ficam immensamente aquem dos meus simples pensamentos. Ha quem julgue fazer em sonho toda a sorte de descobertas, de adivinhações... Nunca, porém, me constou que alguem, aplicando á vida pratica as revelações do sonho, realizasse um grande feito, alcançasse um verdadeiro triumpho. A mim, o que mais vezes me acontece é reviver, ampliados e peorados, os mais desinteressantes casos da existencia: ouvir palavreados insipidos e monotonos; presenciar scenas que invariavelmente se repetem; ter acerca de tudo a noção dum regato correndo inexhaurivelmente, chalrando inalteravelmente... Fóra dessa universal semsaboria, só me reserva o somno, com os seus sonhos, decepções e desastres. Sonho, por exemplo, com extrema frequencia que vou viajar, tenho tudo preparado para a viagem e eis que, á ultima hora, me desaparecem coisas, ou estupidamente, sem nenhuma causa ou pretexto, me atrazo — e lá se vae o navio sem mim! Outras vezes, abro uma porta que assim mesmo me não deixa passar; lucto com alguem que não sente os meus golpes nem a minha força; vou pelos ares fóra sem saber para onde e sem poder pousar; martello desesperadamente as teclas dum piano que se recusa a dar som; ouço as minhas melhores amigas dizerem-me, com o ar mais natural deste mundo, as mais monstruosas perversidades; e até minha mãe, uma vez, me injuriou, me escarneceu, com calumnias, com trocadilhos! Verdade seja que tambem, de onde em onde, tenho um sonho benigno ou gracioso... Por via de regra, porém, só me vêm pesadelos. E, ainda no melhor dos casos, o sonho tem um inconveniente pavoroso — e que tambem um philosopho, embora com errado optimismo, observou e accentuou: o inconveniente de a todos nos egualar. Podemos ser na vida o mais diversos possivel uns dos outros e tudo fazer por isso; adormecemos, temos forçosa, inevitavelmente os mesmos sonhos. Em verdade, os sonhos não passam de cinco ou seis, divididos por toda a gente. E quando eu, por exemplo, sonho que me acho sentada num throno de rainha, é possivel, é até provavel que o mesmo esteja sonhando a minha manicura, e a minha creada, e a creada da minha manicura, e a manicura da minha criada. Ahi tem o senhor toda as possiveis delicias, toda a imaginavel bemaventurança do sonho. E depois... o despertar?

Era uma pergunta que, naturalmente, não esperava nem soffria resposta. E, depois de menear negativamente a cabeça envolta da aureola negra dos cabellos, a dama concluiu:

— Não, meu caro, sonhos verdadeiramente bons só os que a gente faz com os olhos bem abertos para vida, para o futuro, e dos quaes procura e consegue não acordar!

João Luso.

(*Photos da Warner-First, United e Metro*)

FIGURAS E FACTOS

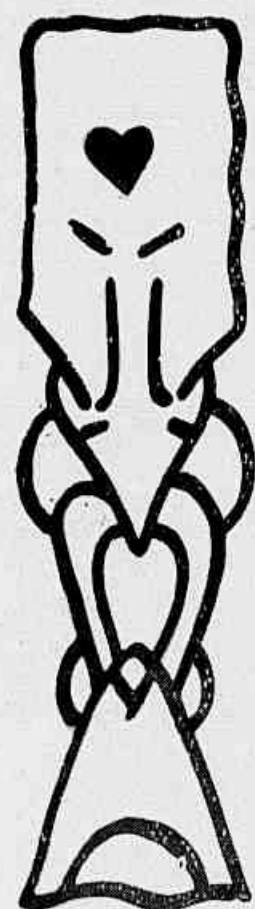
Aspecto da inauguração do Posto de *Sauvetage* do Praia Club, na elegante praia de Copacabana, por occasião do banho de mar á fantasia do ultimo domingo.

Grupo tirado na Academia Carioca de Letras quando foi recebida no illustre canaculo a intellectualidade de Alba Canizares do Nascimento. Vê-se a escriptora ladeada pelo poeta Alberto de Oliveira e pelo escriptor Roberto Costa Lima.

Aspecto da ceremonia do enterramento do academico Graça Aranha, tirado na necropole de S. João Baptista, vendo-se o caixão funebre cercado de amigos do scintillante escriptor e de varios literatos da corrente esthetica de que elle foi o grande chefe.

Os salões do Club Internacional de Regatas se abriram sabbado passado para uma *soirée* dansante cujo brilho se pode aquilatar pelo cliché acima.

A "Tarde de Castro Alves", na exposição do pintor Euclydes Fonseca, foi um certame de espiritualidade e de reverencia á memoria do maior poeta brasileiro. Na gravura ao lado vê-se a irmã do vate bahiano, ao centro, rodeada de intellectuaes brasileiros.

O BANHO A' FANTASIA DO PRAIA CLUB

O *Praia Club* fez realizar na elegante praia de Copacabana, na manhã de domingo passado, um banho de mar infantil á fantasia, enchendo as areias do mais aristocratico balneario carioca com a garrulice festiva da petizada e a variedade encantadora dos estylos e das côres com que é habito festejar-se o ephemero reinado de Momo. Desde cedo a sociedade do Rio vai permittindo aos garotos o noviciado da *Folia* para a qual o carioca parece ter nascido, com seu genio folgazão e irrequieto. As nossas gravuras attestam alguns detalhes dessa festa de graça e de alegria, em que se affirmou, no suggestivo ambiente da *season*, a precocidade dos meninos, que serão os *Pierrots* do futuro, e das meninas, dentro de cada qual ha o germen da trefega e enganadora *Colombina* de todos os tempos...

ANNIVERSARIOS

No dia 7 — as senhoras Antonio Salles e Octavio da Rocha Miranda; a senhorinha Vera Niemeyer; o ex-senador Miguel de Carvalho; os drs. Carlos Costa, Alberto de Gusmão Jatahy, Guilherme da Silva e Octavio Reis; o sr. Adolpho de Souza Cruz.

No dia 8 — as senhoras Conrado Niemeyer, Maria Fischer Gambôa, Albertina Dutra da Fonseca; a escriptora Anna Cesar; a dra. Antonieta Gonçalves de Souza; a senhorinha Beatriz Saboia Porto; os drs. Leopoldo Teixeira Leite, Urbano Figueira e Leandro Cavalcante; o coronel Leoncio Camargo; o almirante Pedro de Frontin.

No dia 9 — as senhoras Hyppolito da Fonseca e consuleza Parodi Machado; a senhorinha Maria da Gloria Teixeira; os drs. Cid Braune, Manoel Antonio de Carvalho, Carlos Lopes de Sayão, Mario Alves e Arthur Guaraná; os srs. Fausto Barreto Durão, Virgilio Lopes Rodrigues e Miguel Braga; o commandante Antonio Alves Torres.

No dia 10 — a baroneza de Paraná; as sras. Abigail Guimarães Braga, Eurydice da Silva Rodrigues, Luiz Gomes de Mattos e Laura Torres Homem; as senhorinhas Helena Pereira Lemos, Olga Ferreira da Cunha, Alice Ribeiro Braga, Lucy Dario de Mendonça, Jacy Martins, Maria Vaz de Barros; os drs. Nina Ribeiro, Oswaldo Gomes da Fonseca, Francisco de Paula Monteiro de Barros Lima e Mario Belletti; os coroneis Eduardo José Pereira e Luiz Fernandes Ramôa; o tenente Affonso Gomes; a formosa Elza, filhinha do talentoso caricaturista J. Carlos.

No dia 11 — as sras. Alda da Fontoura Caravelli e Zaira de Oliveira Santos; as senhorinhas Marina Silveira de Souza, Eulalia Seabra de Vasconcellos e Leonor Henrique da Silveira; os drs. João Capistrano Gomes de Paiva, Firmino Doelinger da Graça, Emilio Amarante Peixoto de Azevedo; o nosso collega Fernando Mendes de Almeida Junior; os srs. Alfredo e Guilherme Seabra e Eugenio de Paiva Rio; a interessante Léa de Campos, filha do sr. João Sebastião de Campos.

No dia 12 — a sra. Olga de Vasconcellos Abrantes; o dr. Mazzini Bueno; o professor João Brasil.

No dia 13 — as sras. Adelina de Oliveira Guimarães, Rosa Sampaio e Jussara Coelho Netto; a senhorinha Renée Alba Cordovil, Soledade Miguez, Abigail Barbosa e Dina Cabral; os drs. Alfredo Balthazar da Silveira, João Pereira do Couto Ferraz Junior, Abelardo Pardal, Candido Marianno Damasio, Abel Renato Pinto, Gastão Olavo de Almeida e Raphael Sébas; os jornalistas Frederico Oberlander e Baldomero Carqueja Fuentes; o dr. Durval Bandeira de Souza.

NOIVADOS

— a senhorinha Carmen Barros Passos e o dr. Léo Monteiro;
— a senhorinha Zulmira Azevedo e o sr. José Britto de Carvalho;
— a senhorinha Elvira Castello Branco e o dr. Luciano Jacques de Moraes;
— a senhorinha Nadege Vieira e o sr. Paulo de F. Oliveira.

Em Bello Horizonte — a senhorinha Maria Regina de A. Manot e o dr. Gustavo Capanema Filho.

CASAMENTOS

— a senhorinha Helena Leite Bastos e o sr. Antonio Marques;
— a senhorinha Rosalia Beatriz G. de Castro e o industrial Luiz Queiroz;
— a senhorinha Cleonides da Silva Borges e o sr. Oscar Mangia de Oliveira;
— a senhorinha Margaret Winifred Armstrong Read e o sr. Eric Hubert Quick;
— a senhorinha Carmen Luzia de Magalhães e o tenente do Exercito João Astherio Marques.

OS QUE VIAJAM

Com o fim de assumir o commando da Escola de Aprendizes Marinheiros de Sergipe, para onde fôra nomeado recentemente, seguiu sexta-feira ultima pelo *Joaquim Tavora* o commandante Braz da Franca Velloso.

Seguiu para Minas o capitão medico do Exercito dr. Aridio Martins, ex-deputado á Assembléa Legislativa do Estado do Rio e clinico na capital fluminense.

Pelo Cap Arcona, seguiu para a Europa, acompanhada de sua familia, a brilhante pianista patricia Maria Antonia.

VERANISTAS

Para Lambary: — o commandante Thiers Fleming; dr. Edmundo Braga, senhora e filha; a sra. Izabel José Cruz e filha; o coronel Aprigio Ramos Nogueira e familia; a viuva Castro Peçanha e filha; o sr. Patrocinio José Ruiz e senhora; o sr. Antonio Flodoardo Marcondes; o coronel Leopoldino Ouriques de Almeida, o sr. Eduardo Chevrand e familia.

Para Vassouras: — o sr. Heraclito Gomes e senhora; a viuva Margarida Brandão; o sr. Tancredo Ramalho e familia; o sr. Braulio de Assis e familia; o coronel Antonio Ribeiro; a viuva Antonieta Prado e as senhorinhas Elza e Dalila Prado; o dr. W. Berardinelli e senhora.

Para Cambuquira: — o tenente coronel Francisco Ferreira Alves dos Reis e senhora.

Para S. Lourenço: — o professor Barroso Netto.

UMA LINDA NOITE DE ARTE

Elisa Coelho fez-se ouvir em formosissimo recital quarta-feira passada, no *studio* Nicolas.

As encantadoras canções de Hekel Tavares tiveram como sempre a mais perfeita interpretação pela graça infinita da gentil recitalista.

A sala do *studio* Nicolas acolheu uma sociedade elegantissima e fina, que applaudiu com calôr e sinceridade a interessante cantora regional que é Elisinha Coelho.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos por Hekel Tavares, que foi tambem muito festejado.

A gentilissima senhorinha Dolores Cruz, da nossa sociedade, filha da festejada escriptora senhora Rachel Prado.

JANTAR-DANSANTE

O jantar-dansante de domingo no Club Nacional foi realmente um encanto. Os salões do fino *cercle*, já habituados a acolher uma sociedade de escól para aquellas reuniões, tiveram accrescida a sua assistencia por elementos do mundo intellectual para ouvir Elisa Coelho em canções de Heckel Tavares, que ella sabe interpretar tão bem, e a senhorinha Maura Penna Pereira, da Academia Catharinense de Letras, que declamou com muita graça, tendo deliciado o mundo elegante que encheu os salões do Nacional.

Após a linda parte artistica dansou-se animadamente até tarde da noite.

BAILES DE CARNAVAL

Annunciam sumptuosos bailes: o Club de Regatas Botafogo para hoje em sua elegante séde; o Regatas Flamengo para sexta-feira proxima no seu espaçoso *rink*; no Club Nacional haverá 4 lindos bailes e uma *matinée* infantil, que está marcada para domingo gordo; o Botafogo dará o seu domingo tambem, e promette ser maravilhoso; o Fluminense, segunda-feira de Carnaval, reserva innumeras surprezas para os seus finos associados; o Copacabana Palace, sabbado; o Lido, com o grande "Baile dos Dominós", promette ser o baile de maior successo do Carnaval de 1931.

PELAS SERRAS

Continúa a debandada para as serras. Agora, então, tem sido muito maior o numero dos que abandonam o Rio e fogem para Petropolis, Friburgo, Theresopolis, Caxambú, Lambary, Cambuquira ou S. Lourenço. Em todas ellas se organizam explendidos programmas para homenagear o Rei Momo.

Já se vê movimento extraordinario pelas casas de artigos carnavalescos. Combinam-se fantasias para os grandes bailes. Haverá surprezas deliciosas em cada reunião.

— Petropolis já annuncia, entre algumas festas, um grande baile no Club Xadrez e um ruidoso baile, o *Baile dos Solteiros*, que está causando grande curiosidade nos foliões petroplitanos.

Domingo ultimo realizaram-se ali tres encantadoras reuniões. Pela manhã o pic-nic dansante do Serrano Foot-Ball Club realizado na *Cremerie*, que transcorreu agradabilissimo. A' tarde dansou-se no Club Petropolis, tendo comparecido as figuras mais formosas dos mundos petropolitano e veranista. A' noite houve uma linda *soirée* dansante no Petropolitano, offerecido pelo tri-campeão aos seus associados em sua espaçosa séde.

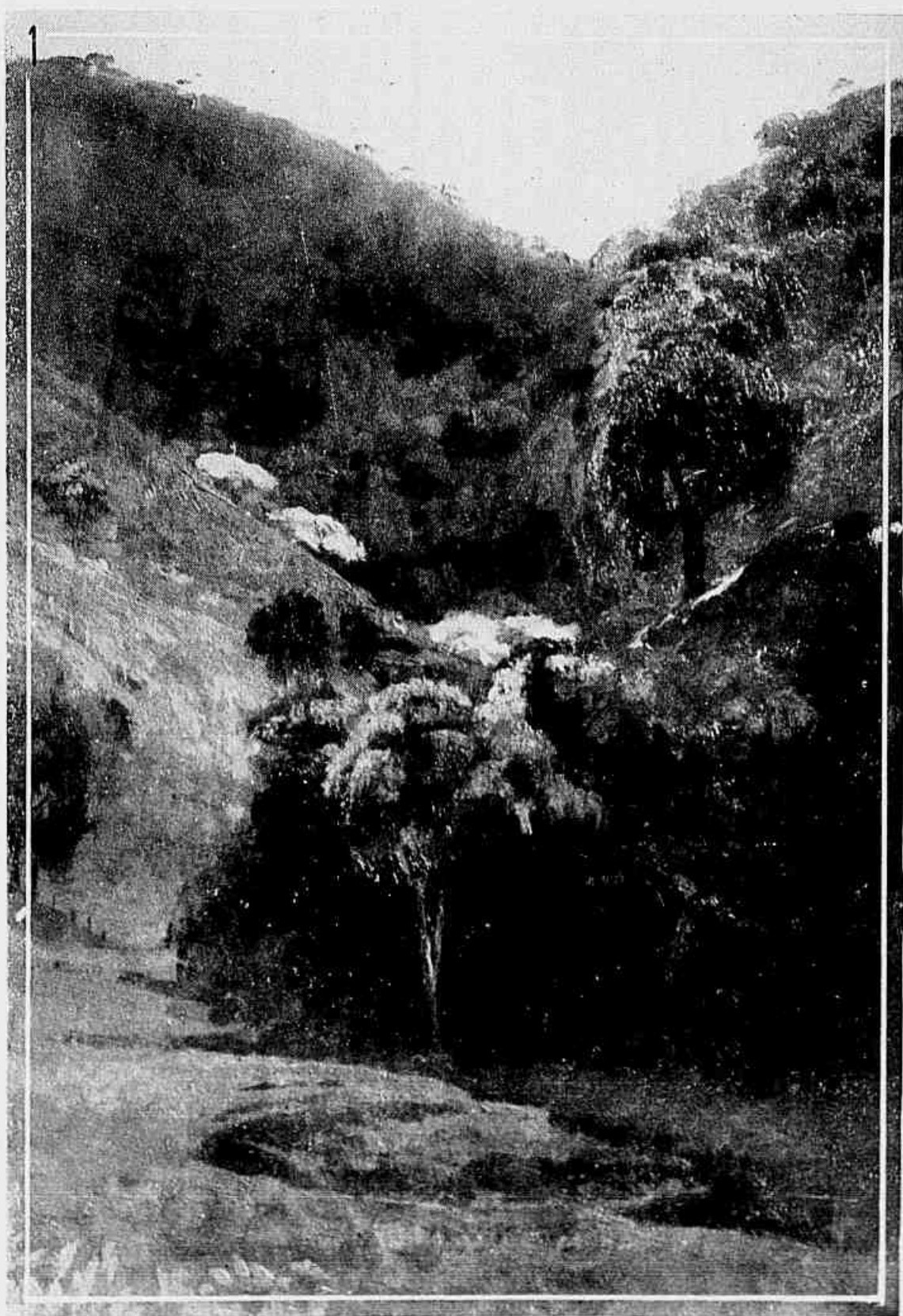
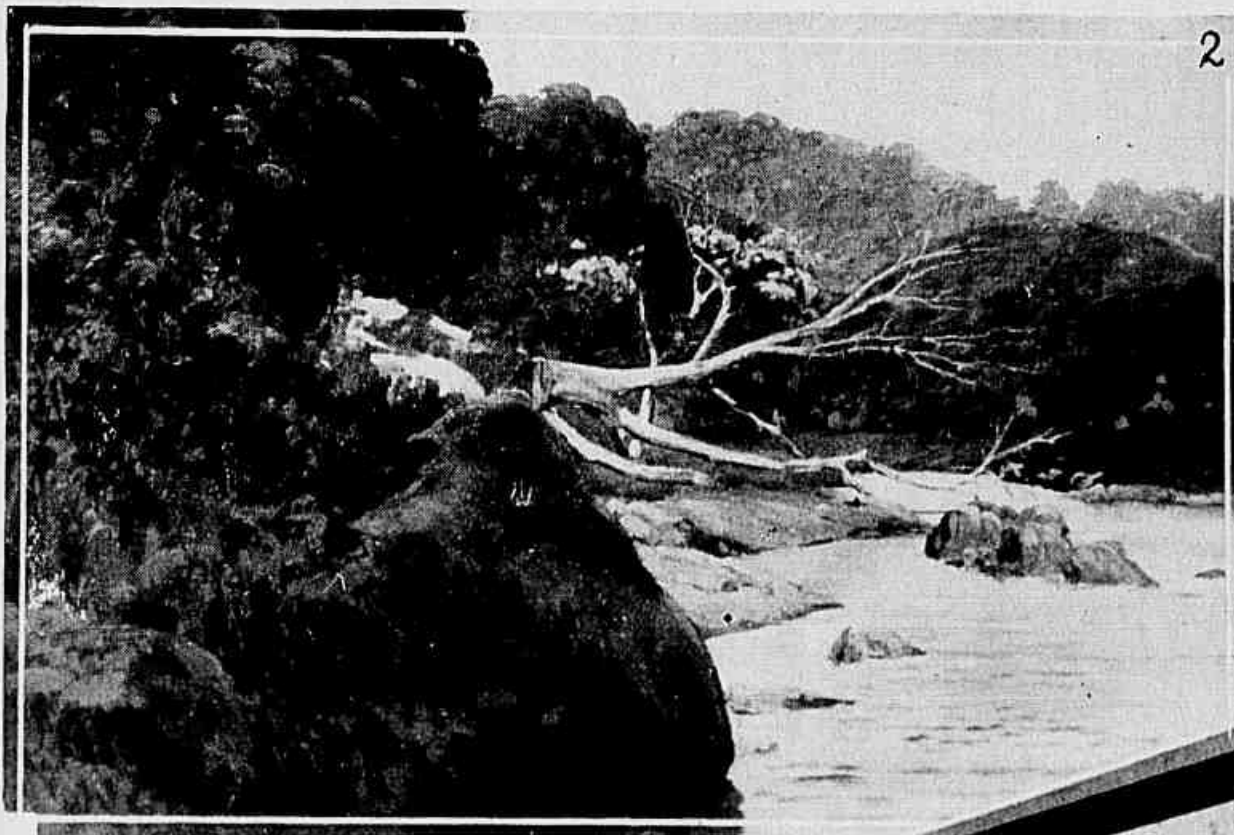
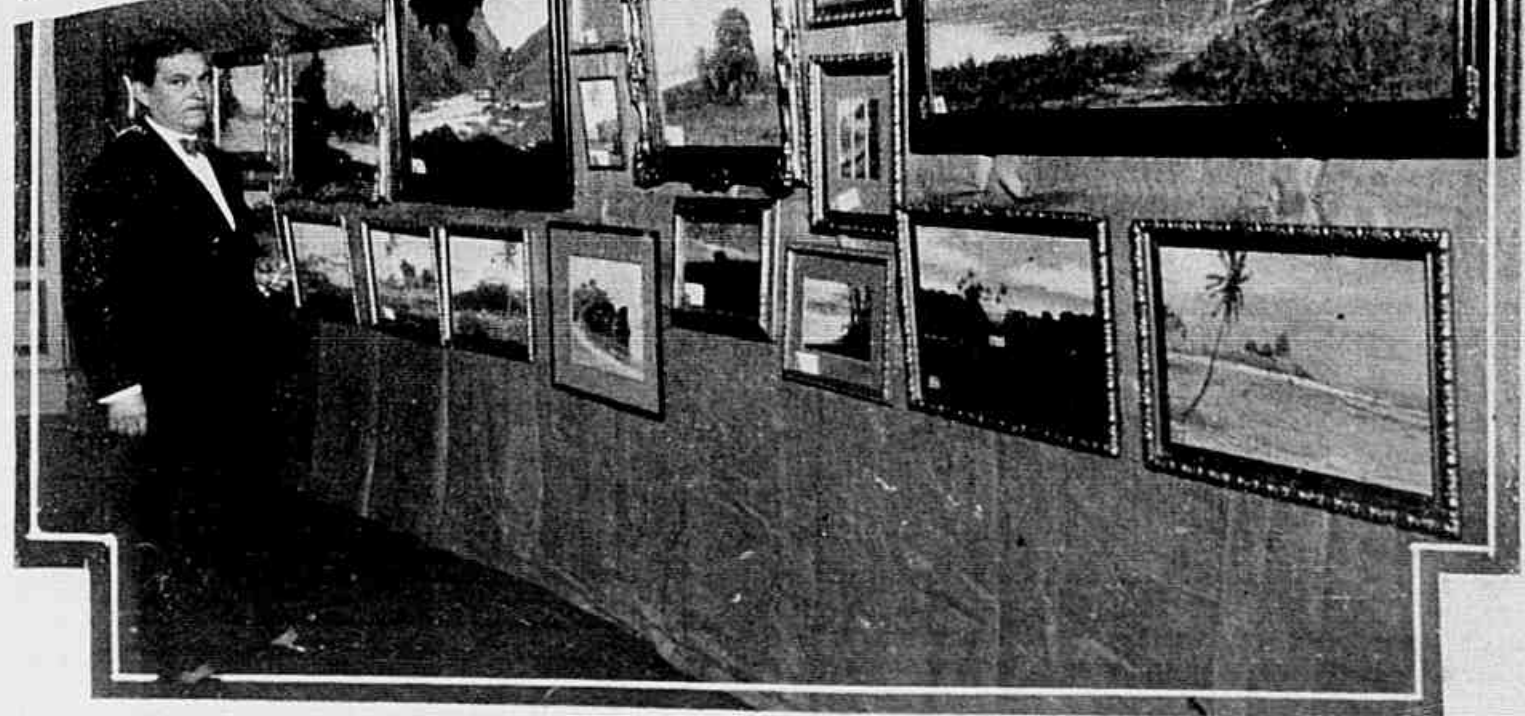
— Caxambú tambem annuncia um grande baile no Hotel Avenida, o qual está sendo ansiosamente esperado.

— S. Lourenço proporcionará lindos bailes em todos os dias de Carnaval aos seus veranistas.

— Em Friburgo dansar-se-á no Club Xadrez e nos hoteis Central, Floresta e Engert, havendo desde já muito contentamento e muita animação para esses bailes. Emfim em todas ellas é esperado um Carnaval muito alegre, muito ruidoso.

O baile, realizado nos salões do Botafogo F. C., com que os engenheiros de 1930 festejaram a sua formatura.

Guanabara x Icarahy

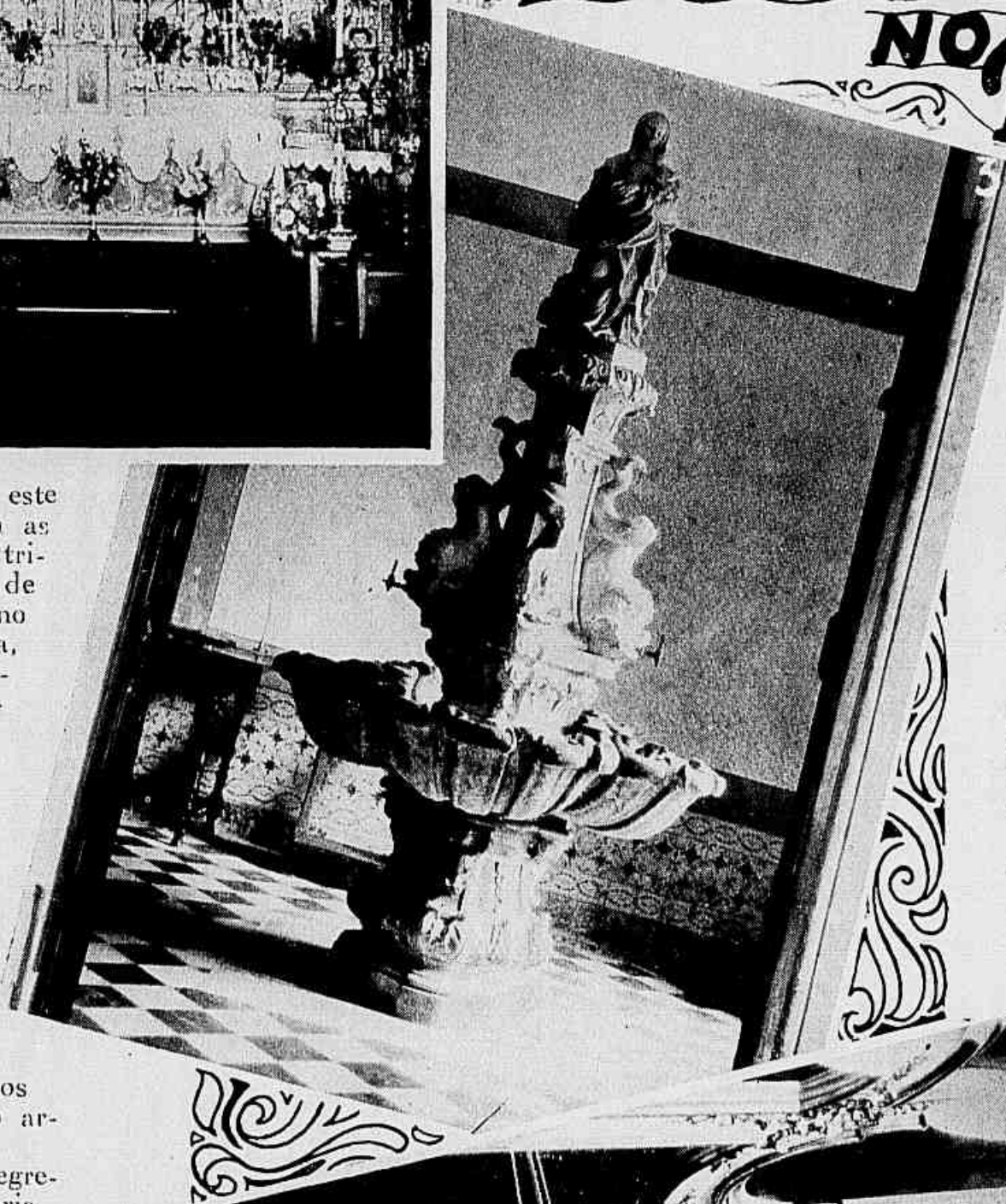
O campeonato de Water-Polo da cidade, neste anno, iniciou-se domingo transacto com o encontro das equipes do C. R. Icarahy e do C. R. Guanabara, que se effectuou na piscina do Fluminense F. C. Foi vencedor no encontro dos 1.ºs teams o C. R. Guanabara, pelo score de 5 x 1; e no dos quadros secundarios o mesmo club por 9 x 1. Nossas gravuras representam: 1 — 1.º *team* do Guanabara. 2 — 2.º *team* do Guanabara. 3 — 1.º *team* do Icarahy. 4 — 2.º *team* do Icarahy.

Exposição Levino Fanzeres

No Palace Hotel brilha, já ha dias, a exposição do notavel pintor espirito-santense Levino Fanzeres, que, como seu grande mestre Baptista da Costa, vem fazendo, no paizagismo, uma obra de grande esthesia e de sentimento patriotico. Os dois quadros que reproduzimos, *Terra virgem*, Espirito Santo, (1) e *Arvore tombada*, Chanaan, (2) são duas amostras do formoso interprete da nossa natureza tropical. No ultimo cliché (3) Levino Fanzeres está á frente das télas valiosas que accrescentou ao seu já vultoso acervo artistico.

A EGREJA DE S.to ANTONIO, NO RIO, EM FÓCO

POR FREI PEDRO SINZIG, O.F.M.

É NATURAL que, este anno, se voltem as attenções para a tricentenar egreja de Santo Antonio, no Largo da Carioca, visto que se approxima o 7.º centenario da morte do glorioso Thaumaturgo portuguez.

Não falamos, esta vez, da frequencia assustadoramente grande, na dita egreja, em todas as terças-feiras do anno, nem tão pouco da devoção, sempre crescente, ao mais popular de todos os Santos. Referimo-nos tão somente ao bello templo que nos legaram os nossos antepassados e que pertence ao patrimonio artistico do paiz.

Abstrahindo da nave da egreja, singela embora satisfactoria, todas as attenções são attrahidas pelo côro (presbyterio) que, como mostra a nossa photographia, se apresenta majestoso, com linhas puras e harmoniosas, admiraveis obras de talha nas columnas adornadas de flôres estylisadas, de frutas, passaros, anjinhos etc. — abundantes quadros da vida do Santo, todos elles em riquissimas molduras, emfim com uma infinidade de detalhes que só o exame minucioso faz serem estimados como merecem.

O recorte duma moldura de quadro lateral, que reproduzimos, mostra o superior emprego da forma da concha e das linhas usadas no barrocco, emquanto outro recorte, de uma das columnas do altar-mór, confunde pela riqueza e abundancia das fórmas, folhas, uvas, hastes dos capiteis, phenix etc.

Quanto a egreja de Santo Antonio é digna duma monographia especial, que lhe sublinhe as bellezas e os thesouros de arte, mostrará, entre outras coisas, a reproducção do superior grupo da Morte de S. Francisco, admiravel obra em barro cozido que, todos os annos, fica exposta á veneração dos fieis, no dia e no altar de S. Francisco, na hora do "Transito".

A sacristia, por sua vez, é uma das mais artisticas e lindas do Brasil, com um arcaz de primeira ordem, cuja importancia se adivinha através da nossa gravura, e que, entretanto, só forma um dos thesouros da sacristia, cujos tecto e pavimento, além dum armario de jacarandá, constituem outras tantas riquezas.

O grande "Lavatorio" da sacristia, que egualmente reproduzimos em gravura, não está encostado a uma parede como era costume, e como se vê em innumeras outras egrejas antigas, mas está collocado no centro, permittindo ser examinado de todos os lados. A enorme bacia, de uma unica pedra, por si constitue uma raridade, tanto mais quanto o artista soube dar-lhe forma elegante, em lindo contraste com os quatro delfins e a figura da Pureza, ao alto.

A egreja de Santo Antonio, outrora, possuia ainda outra preciosidade que attrahiu muitos visitantes: um orgão, considerado um dos melhores do Rio, mas que infelizmente não resistiu á influencia do tempo. E' possivel que, ainda este anno do 7.º centenario, tenha um successor, si os devotos do Santo contribuirem para este fim, como já começaram.

Felizmente, apezar da falta chronica de meios, no interior da egreja e do convento continuam as obras de reforma e de conservação deste grande monumento da piedade, generosidade e do bom gosto dos nossos antepassados, cuja importancia, ainda hoje, inspira admiração.

Frei Pedro Sinzig, O.F.M.

(Photographias do autor).

1 — Presbyterio e altar-mór da egreja. 2 — Moldura d'um quadro no côro da egreja. 3 — Lavatorio na sacristia. 4 — Arcaz da sacristia. 5 — Recorte de columna do altar-mór. 6 — Morte de S. Francisco, grupo em barro cozido.

OS NOVOS ASPECTOS DO RIO

Ao lado do Rio-natureza já se ostenta, orgulhoso de seu adiantamento, o Rio-artificial, que o homem carinhosamente prepara, erguendo quarteirões inteiros, desenhando jardins e parques, construindo docas, rasgando, na pelle dos campos, o sulco das rodovias. Esta gravura focaliza um dos aspectos do Rio moderno. E' um trecho da magnifica estrada de rodagem Rio — S. Paulo, margeada, desde o largo do Campinho até certa distancia, de lindas arvores recem-plantadas, ainda com seus engradados protectores, e com os postes telegraphicos todos com uma cintura branca, que á noite, aos pharóes dos automoveis, balisam o asphalto da rodovia, indicando o caminho transitavel como filas extensas de um exercito que, de um e de outro lado, se perfilassem para prestar, ao viajante, a continencia militar da civilização.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A "Revista da Semana" e a Loteria de Espanha

Recebemos a seguinte carta:

"Saudações.

Acabo de ver pelo ultimo numero da "Revista" o começo da distribuição do premio de 10.000 pesetas com que nós, os assignantes da 2.ª série, fomos contemplados.

Pela forma estabelecida para a distribuição — firmada previamente — cabe a cada um dos 990 assignantes a importancia de *Rs. 4.000*.

A "Revista" procedendo muito correctamente põe essa quantia á disposição dos respectivos assignantes ou se propõe a creditar-lh'a para futura renovação de assignatura.

A "Revista" foi até onde podia ir.

A nós, assignantes, assiste-nos porém o direito de fazer sugestões. E, baseado nesse direito, aqui venho apresentar-lhe uma, que V. S. submetterá á apreciação dos demais favorecidos pela sorte.

A quantia a receber é insignificante, e por ella ninguem esperava. Porque pois não a applicar numa obra de caridade, não a converter num gesto que vá levar momentos de alegria a tantos infelizes: creanças, velhos e doentes que choram, que recordam e que gemem nas créches, nos asylos e nos hospitaes?

O "Jornal do Brasil", ainda recentemente, trouxe um appello que lhe foi dirigido pelos leprosos localisados no Hospital dos Lazaros, afim de que a população carioca lhes remettesse livros com os quaes suavizar as tristes horas de torturas que os consomem.

Por que não applicar pois esses Rs. 3:960.000 — os 4$000 de 990 assignantes — na compra de livros que poderiam servir de um doce recreativo áquelles pobres infelizes?

Ahi fica a suggestão. Se acharem, porém, que a distribuição deva ser feita a outra instituição, que deva ter outro fim, que falem os demais assignantes.

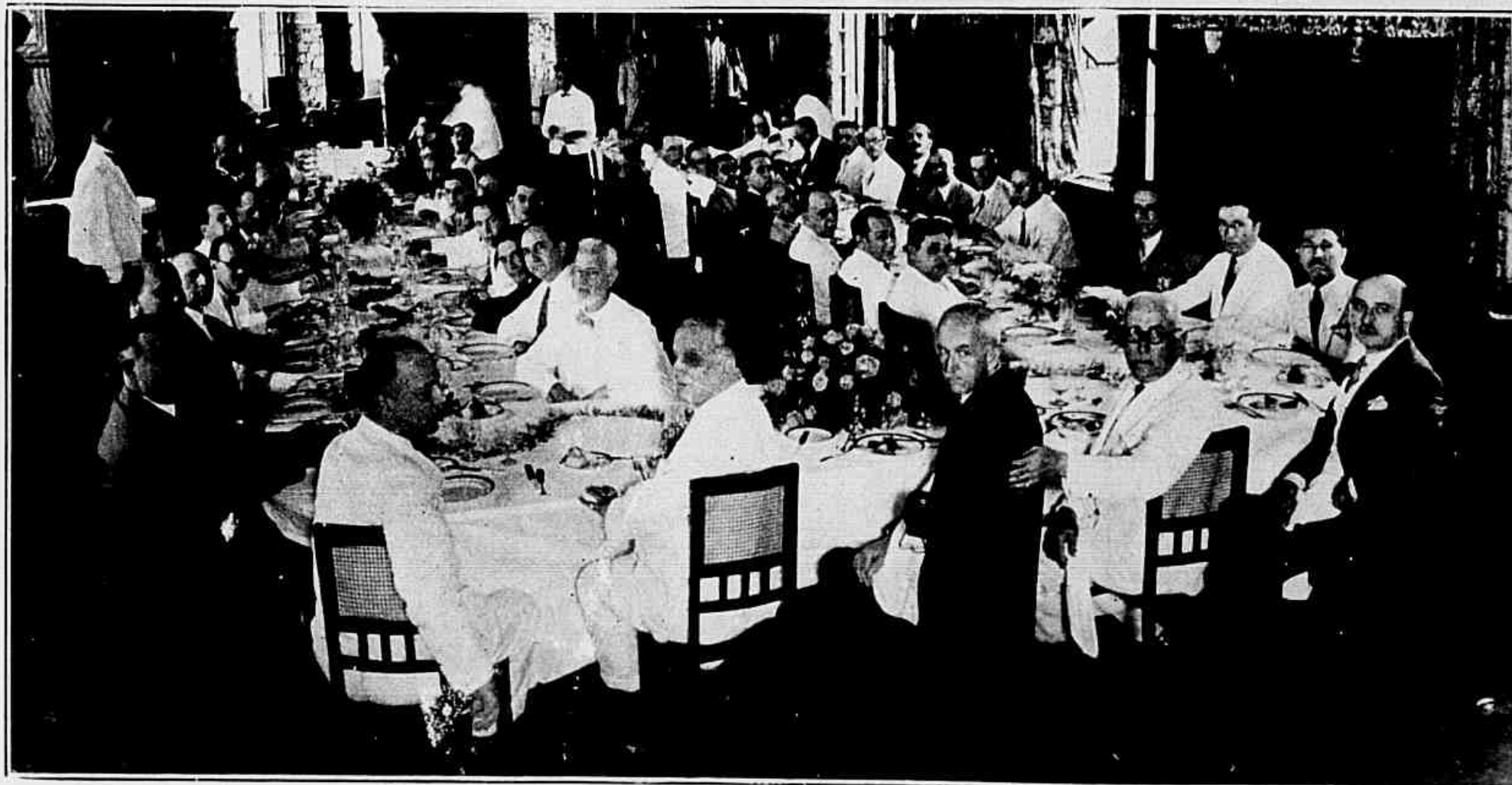
Estarei de accordo com qualquer modificação que apresentarem, uma vez que se trate de applicar o premio em obra de caridade.

Assim, a importancia que me cabe fica nas mãos da "Revista da Semana" para que lhe seja dado o devido destino.

Do assignante grato — N. 322"

Reproduzindo a carta, não podemos regatear applausos ao nosso caritativo assignante.

Entretanto, dada a circumstancia de havermos pago já varios dos premios minimos — conforme consta, inclusive da documentação photographica inserta no nosso numero — a idéa se nos afigura, no momento, inexequivel.

Vale, entretanto, e vale muito, a generosa intenção.

O Rotary-Club reunido no Club Nacional, para festejar os rotarianos que viram passar as suas datas anniversarias em Novembro, Dezembro e Janeiro findos.

O Chefe do Governo no Convento de Santo Antonio

S. ex. o sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, na sacristia do Convento de Santo Antonio. A' esquerda de s. ex., a senhora Getulio Vargas e o sr. Simões Lopes ; á direita, Frei Justo, Superior do Convento ; no extremo á esquerda do leitor, Frei Pedro Sinzig, nosso eminente collaborador.

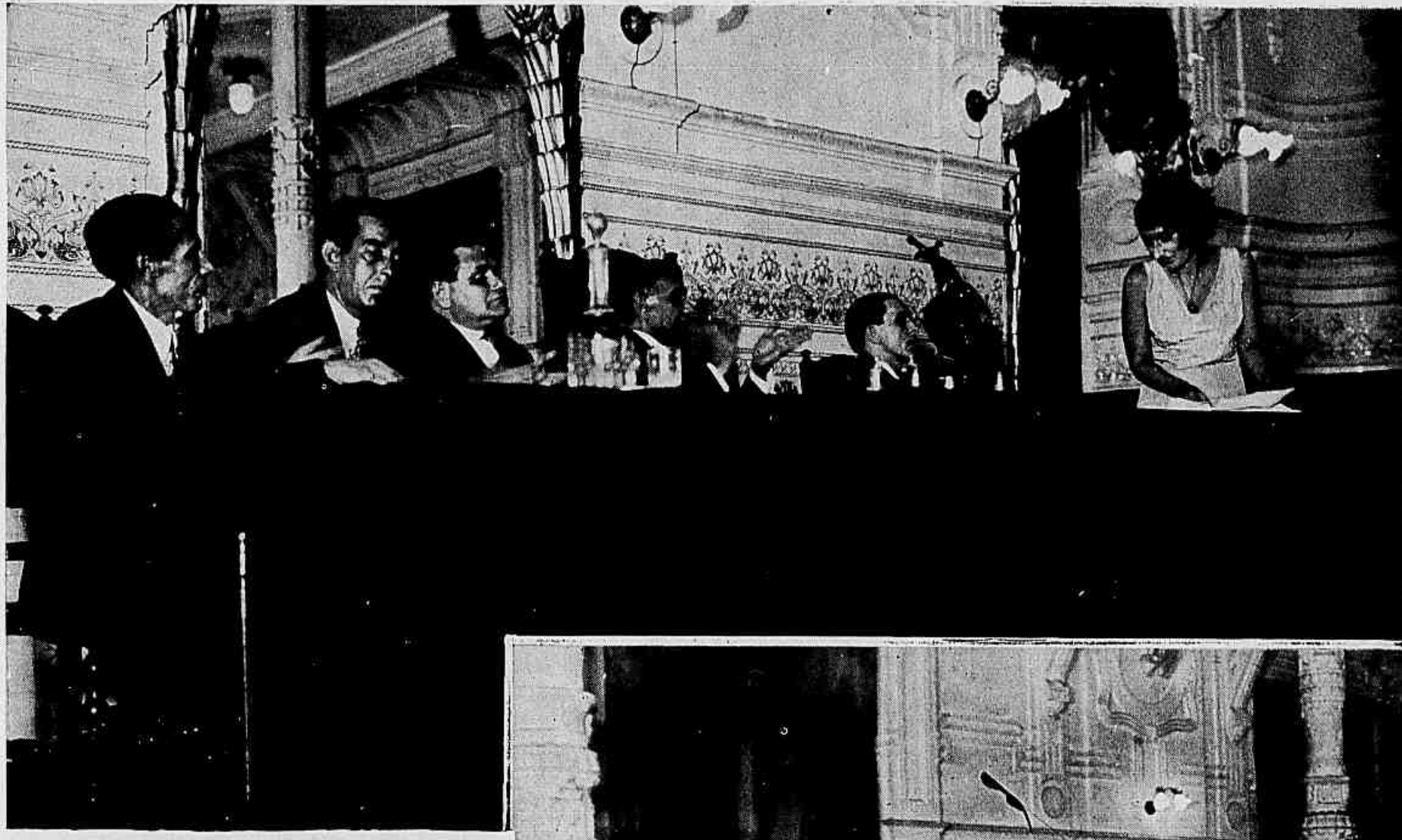
A visita presidencial ao Convento de Santo Antonio

O velho e majestoso Convento de Santo Antonio, que allia á grandeza da Religião o fulgor maravilhoso da Arte, viveu um dia de intensa vibração com a visita do sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio. S. Ex. fez-se acompanhar da senhora Getulio Vargas, e o claustro da casa religiosa onde só excepcionalmente se permitte a entrada de senhoras, foi franqueado ás figuras femininas da comitiva de S. Ex.

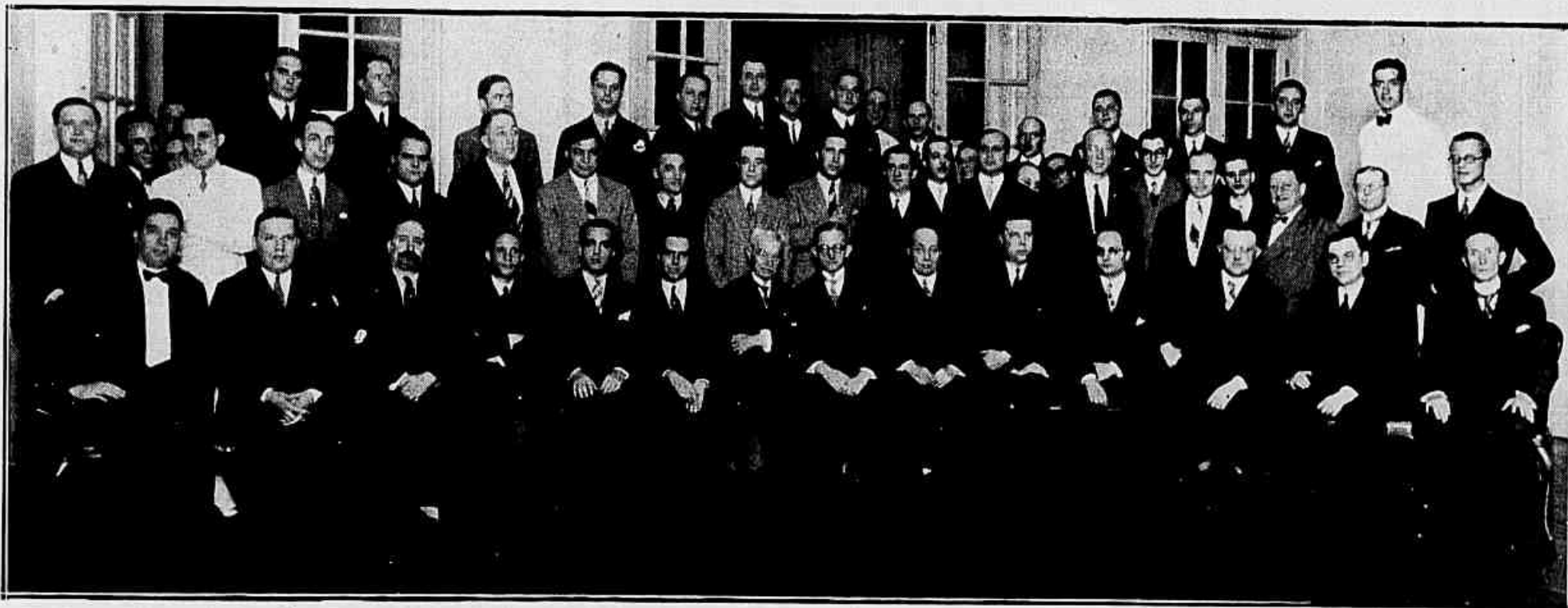
Frei Justo, Superior do Convento, mostra todas as preciosidades religiosas e artisticas ao Chefe da Nação.

Começa dizendo que o Convento data de 7 de Fevereiro de 1615, tendo sido o seu terceiro seculo commemorado com toda a pompa da religião, em 1915. A visita começa pelo pateo, em cujas arcadas artisticas se acham varias capellas, onde estão depositados os ossos de grandes figuras do Imperio e da Religião. A primeira á direita serve de sarcophago a frei Fabiano de Christo, que durante quarenta annos, com abnegação e fé, serviu de enfermeiro. A sua obra foi tão piedosa e grande que se espera, em breve, a sua canonização. Tambem adiante, acham-se os ossos do famoso orador sacro Mont'-Alverne, e não longe estão depositados os restos mortaes de diversos membros da familia imperial, entre elles os da imperatriz Leopoldina, primeira esposa de D. Pedro I. Um frade, vendo que a imperatriz do Brasil em vez de jazer num monumento de arte se acha numa caixa commum coberto de panno, repete a celebre phrase: "sic transit gloria mundi". O Superior explica ao Presidente da Republica que aquelle jazigo deveria ser transportado para a Cathedral de Petropolis mas, se nenhuma providencia fôr tomada, os religiosos do Convento farão construir um mausoléu digno de encerrar os restos daquella que foi tão amada dos

O POVO CARIOCA AO GENERAL BALBO

Regressando de São Paulo nos primeiros dias desta semana o sr. general Italo Balbo, ministro da Aeronautica da Italia e commandante da esquadrilha aérea que venceu gloriosamente os ares atlanticos, recebeu expressiva manifestação do povo carioca. Nosso cliché indica um aspecto da chegada do "as" italiano, em frente á gare da estação Pedro II.

Em memoria de Hermes Fontes

Organizada por uma commissão composta dos escriptores senhora Maria Sabina e srs. Adelmar Tavares e Luiz Carlos, da Academia Brasileira, Povina Cavalcanti, Pereira Da Silva, Austregesilo de Athayde e Porto da Silveira, realizou-se no salão da Associação dos Empregados no Commercio uma sessão litteraria consagrada a Hermes Fontes. Foram lidos varios trechos de prosa, louvando e exaltando o rimador das *Apotheoses*, e recitadas as obras do poeta em que mais vivamente ficaram para a nossa admiração o seu talento e o seu sentimento, ambos tão peregrinos.

CLUB GERMANIA

Grupo tirado no Club Germania, por occasião do jantar offerecido pela casa Schering-Kahlbaum Ltda. aos droguistas de nossa praça, aproveitando a visita ao Brasil dos srs. Henrich Schmidt e Carl Guasdorf, pertencentes áquella firma, com matriz em Berlim.

Brasileiros. Tambem, com toda a singeleza, se acham depositados em uma capella os restos de D. João Carlos Boromeu e D. Paula Marianna, descendentes de D. Pedro I. O Brasil deveria remir uma divida com essas grandes figuras do primeiro imperio, construindo-lhes uma crypta condigna.

No parlatorio do convento, provocou geral admiração um rico oratorio, verdadeira peça de museu, contendo santos artisticamente talhados e decorados com ouro de 24 quilates. A egreja é toda revestida de madeira e contém obras de esculptura verdadeiramente notaveis. Os quadros são todos originaes e têm como motivo a vida do milagroso santo de Padua. Salientam-se duas grandes imagens de Santo Antonio e de São Francisco, verdadeiros primores de arte.

O PALPITANTE PROBLEMA DO ALCOOL-MOTOR

A conferencia do dr. Armando Godoy no Automovel Club sobre "O problema do carburante relativamente á rodovia". A' esquerda, um aspecto da assistencia; á direita, o dr. Godoy lendo a sua conferencia junto da mesa, presidida pelo dr. Assis Brasil, ministro da Agricultura, que tem á direita o general Leite de Castro, ministro da Guerra.

A inauguração da exposição dos numerosos e variados trabalhos das alumnas gratuitas da Companhia de Machinas de Costura Singer na agencia da rua Uruguayana.

A primeira missa rezada naquella egreja, que ainda hoje infunde tanto respeito, pela sua majestade, teve logar em 1615.

A gentil senhorinha Maura de Senna Pereira. Chamam-n'a na sua terra a Princesa das Litteratas Catharinenses. A' hora em que circular este numero da *Revista*, a formosa intellectual terá, perante selecta assistencia, dito os seus lindos poemas em prosa, na audição marcada para a noite de hontem. Vivo interesse, é claro, despertou a noticia, porque Maura já se fizera ouvir, dias antes, affirmando com imponencia e brilho o fulgor do seu espirito e da sua graça...

Perto do altar-mór se acha o tumulo do cardeal Galepi, nuncio apostolico junto á Côrte de D. João VI, de cujas mãos recebeu o chapéu cardinalicio.

As obras de arte são tantas, na egreja, que é impossivel mencionar todas, salientando-se entretanto o côro, maravilhosamente esculpturado, ostentando os bustos dos martyres do Japão, isto é os frades que foram sacrificados pela sua fé religiosa, e lindos mosaicos, com themas sacros.

Na sacristia se acha um armario de apurado gosto artistico, em jacarandá, o qual encerra o bastão pertencente a D. João VI, cravejado de brilhantes.

A visita do sr. Getulio Vargas deu ensejo a que muitos da sua comitiva pousassem os olhos em maravilhas de arte, que desconheciam, e evocassem paginas da nossa Historia, que haviam esquecido.

João Caetano

Parece que vae acabar a peregrinação do monumento de João Caetano que ao ser demolido o velho Theatro S. Pedro — que hoje tem o nome do grande actor brasileiro — foi arrancado do logar onde se achava, para outro que não se sabe precisar.

Inaugurado diante da antiga Escola de Bellas Artes — actualmente Ministerio da Fazenda — o monumento foi parar depois no jardim da Praça da Republica.

D'ahi, mais tarde, transplantaram-n'o para o jardim da Praça Tiradentes.

Por ultimo, o Ashaverus de Bronze, cumprindo o seu fadario de judeu errante, foi novamente subtrahido, escamoteado por completo á contemplação do publico.

Agora, porém, ao que parece, João Caetano resurgirá diante do Theatro que lhe guarda o nome, por isso que, no momento em que escrevemos, preparam os alicerces do monumento.

Está satisfeita a nossa curiosidade. E parece que tambem acabada a peregrinação do grande tragico. Se elle estivesse vivo, naquella attitude decidida do *Oscar*, em que foi estatuado, já teria abatido o punhal vingativo sobre algum dos seus muitos algozes...

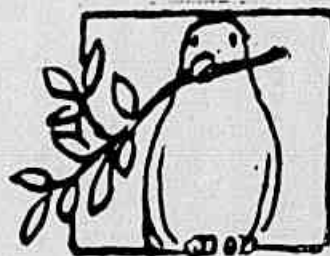
Tiro da Associação dos Empregados no Commercio

Grupo de reservistas do Tiro de Associação dos Empregados no Commercio que receberam as cadernetas de reservistas.

O PREÇO DO CAFE'

A grande reunião dos proprietarios de cafés, para o fim de serem tomadas medidas de defesa contra o decreto do Interventor Federal que reduzira de 200 para 100 réis o preço da chicara da nossa famosa rubiacea. Nessa reunião ficou resolvido que os cafés fechariam. E fecharam durante toda a segunda-feira... isto é, durante o dia, abrindo á tarde, com a tabella justa de 100 réis.

Os prodromos do Reinado de Momo na Capital Fluminense

A' esquerda: um flagrante colhido no lindo baile á fantasia que se realizou no Atlantico Hotel, em Nictheroy. A' direita: um grupo tirado no imponente baile á fantasia realizado no Automovel Club de Nictheroy.

a paz
E' filha de Jupiter tonante e da Exma Snra D. Themis da Justiça.
Traz numa das mãos um facho, e noutra o louro.
As vezes carrega Plutus, que é o symbolo da abundancia.
O mundo não cessa de cantar a sua belleza
Em seu favor, as "grandes potencias" vão, breve, liquidar a questão do desarmamento...
E' PROHIBIDA A ENTRADA A PESSOAS ESTRANHAS
RAUL
-Será verdade que ficarei perpetuada entre os homens?
- Filha aqui está o domicilio da paz eterna.

1 — Vestido de linho branco, guarnecido com tiras de linho branco com pintas azul marinha (essas pintas podem ser bordadas). 2 — Saia de *voile* vermelho escuro, bluza e bolsos da saia de voile de fantasia branco e vermelho. 3 — Vestido de tricoline listada.

Toilette de crepe georgette preto, completamente formada por viezes. Termina a saia por seis babados en-forme.

Conselhos praticos

CUIDADO COM AS ESCOVAS

Para bem cumprir o seu officio, uma escova de roupa deve estar sempre perfeitamente limpa.

Limpam-se essas escovas passando-as de tempos em tempos sobre um papel fino dobrado em quatro e collocado na beira d'uma pedra marmore ou d'uma meza.

Passar rapidamente e apoiando um pouco sobre o papel, mudar este de logar assim que apparecerem as marcas gordurosas:continuar até que o papel se conserve limpo ao seu contacto.

Se os fios brancos tomarem um tom acinzentado, mergulhal-os numa agua morna addicionada com uma colhér de ammoniaco para meio litro d'agua na qual se desfez um pouco de sabão de Marselha. Empregar uma vasilha larga e pouco profunda, de maneira que os pellos mergulhem sem que a madeira, marfim ou qualquer outro material sobre o qual os pellos foram fixados se molhe no liquido.

Deixa-se algum tempo, mexe-se a escova e muda-se o liquido se ficou muito sujo; enxagua-se da mesma maneira com agua pura. Pôr para seccar na sombra e longe do fogo, para que os pellos não amolleçam. As escovas para o cabello são limpas da mesma maneira.

Empregar a agua com sabão a 40 gráus para tirar todo vestigio de cosmeticos; mas não passar dessa temperatura, porque a agua muito quente amollece e friza os pellos, segundo a sua qualidade.

E' preciso tambem muito cuidado no emprego da agua carbonatada, porque pode estragar as escovas.

Deve-se pôr menos de meia colhér das de café de carbonato para meio litro de agua com sabão.

As escovas para os dentes devem ser ensaboadas e lavadas com agua fervida, depois enxaguadas no alcool, isso de quinze em quinze dias. Essas escovas devem ser dependuradas ou postas dentro de tubos de vidro ou de galalithe, especiaes para esse fim, para protegel-as da poeira.

1 — Vestido de shantung verde, *panneaux* applicados na saia. Cinto de verniz verde escuro. Um plastron abotôa e guarnece a bluza. 2 — Vestido de toile de seda branca; uma applicação em ponta guarnece e termina em avental na saia.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

A opinião psychologica de Jean-Charles Worth sobre a moda é das mais interessantes. "A verdadeira elegancia, disse elle, tem de ir a par com a bôa educação"... "Esquecemos-nos um pouço d'uma e da outra depois da guerra, e o aspecto *sport* que algumas senhoras conservam todas as horas do dia parece-me um triste signal de desleixo. Mas parece no emtanto que um movimento se desenha não para a moda rica, o que seria para lastimar, mas para uma moda elegante, o que é muito differente... Vejam: os cabellos alongam-se, as aigrettes reapparecem, as joias verdadeiras sáem de novo dos escrinios. Por minha parte supprimo das minhas collecções o *ensemble* muito facil para voltar ao tailleur e á blusa muito cuidada para a manhã, ao casaco curto collocado sobre um vestido de seda, de tarde. O manteau é reservado de agora em diante para o sport e viagem; numa palavra continua a ser uma utilidade mas não é mais uma elegancia. O vestido tailleur substituil-o-á. Nada mais de tweed, draps finos e sarjas, nada de desenhos: tecidos d'um só tom, mas muito trabalhados."

Mas para mademoiselle Augustabernard, outra sumidade em questão de moda, é esta a sua opinião: "Entramos n'uma éra de sensatez, os vestidos precisarão ser praticos para agradar-nos.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe *georgette* verde claro, guarnecido com pregas largas e babado en-forme levemente franzido; a golla amarra-se de lado num laço. 2 — Toilette de mousseline de fantasia; tres babados en-forme guarnecem a saia e um outro mais estreito forma a golla. 3 — Vestido de crêpe *georgette* azul turqueza, babados com pregas duplas na saia, o decote em forma de V enquadrado por uma tira do proprio tecido. 4 — Vestido de crêpe de Chine de xadrez marron sobre fundo beige, a pala e as mangas são de crêpe *georgette* beige. 5 — Toilette de crepe de Chine, fundo cinzento claro com flôres amarellas e folhas verdes.

Não prevejo nenhuma mudança sensacional para esta primavera.

Por minha parte preoccupo-me, antes de tudo, de conservar nos meus modelos uma linha jovem, mas inclinando para uma elegancia mais trabalhada e uma nota mais pessoal. Mas é preciso tambem que um vestido seja pratico, porque o anno annuncia-se difficil; por esta razão se verão ainda crépes de fantasia, em muito menor numero, na minha proxima collecção. Nada mais pratico: um vestido de crêpe de Chine de fantasia continua a ser para o dia o que o vestido de renda é para a noite. Esses vestidos pódem ser transportados numa maleta; não exigindo a passagem a ferro, supprimem os accessorios. Não creio que se possa encontrar melhor que essas duas formulas, para satisfazer ao mesmo tempo nosso desejo de economias e as exigencias da vida turbulenta que levamos.

A linha? muito fina, muito ajustada. Nada de drapés: não os aprecio nada, porque envelhecem. Os vestidos continuam longos para a noite, mas encurtei-os um pouquinho para permittir que se veja o pé.

Perguntaram-me em que epocha me inspirava. Na minha: isso de retrospectiva não é meu fraco."

Consultada mme. Jenny, outro triumpho da alta costura parisiense, não quer tambem que a influencia retrospectiva nos domine.

"Não me falem nessa moda muito *habillée*, que ninguem deseja.

Temos ainda graças a Deus bastantes recursos em nós mesmas, bastante imaginação para não precisar copiar o passado. Uma moda é feita para a época em que se vive. Então a mulher vive como vivia ha cem annos? sobe para a diligencia? dansa a redowa?

Acho que está em caminho errado uma moda que se presta á caricatura, como a deste anno: é simplesmente insensata. O nosso primeiro dever, de nós ou-

tros costureiros, consiste em embellezar as mulheres e não dar-lhes vinte annos mais sob o pretexto de variar.

Por minha parte, sempre gostei do vestido curto e faço parar minhas saias a 30 centimetros do chão, nos vestidos do dia, emquanto que deixo ver o pé nos da noite.

Bem sei que os vestidos estiveram curtos de mais; mas somos nós que devemos impedir as mulheres de exagerar a moda, o que é sua tendencia constante. Sómente as mulheres que se vestem bem sabem guardar aquella justa medida que é precisamente a nota caracteristica da grande elegancia.

O que direi ainda? Conservarei na minha proxima collecção o corpo muito ajustado, a cintura no lugar: gosto das coisas normaes, do equilibrio."

E isso, na bocca de madame Jenny, é claro, decisivo.

Conselhos sociaes

O AMOR AO TRABALHO

O trabalho é tido erradamente por muita gente como um castigo, a que terá de se sujeitar aquelle que a fortuna não bafejou; no emtanto é exactamente o contrario: só elle dá a verdadeira felicidade e gosto pela vida.

Deve-se portanto, incutir desde muito cedo no espirito da creança que o trabalho não é um inimigo que se detesta, um fardo que se tem de aguentar, um jugo que pesa e de que se gostaria de libertar-se. E' sim um dever de estado, uma obrigação que está acima de todas as outras, a que se deve fazer primeiro e o melhor possivel para estar na ordem e em paz comsigo mesmo, emfim o companheiro que se respeita e o amigo que se ama porque dá com a fé grande valor á vida. A tal ponto que, em vez de queixar-nos delle, devemos lastimar aquelles que não o conhecem!

Aquelle que toma o trabalho como uma obrigação penosa e um impedimento para o divertimento faz seu trabalho apressadamente, para acabar depressa, ou vagarosamente como uma massada que se é obrigado a fazer. O trabalho encarado dessa maneira não póde ser senão nocivo para quem o faz e para quem o manda fazer, vivendo ambos, patrão e empregado, numa atmosphera desagradavel de má vontade um para o outro.

A creança que fôr habituada desde pequena a occupar-se, não brincando o dia inteiro, não só terá muito mais bom-humor, como mais saude. Gozará muito mais da época das férias e terá mais base para a felicidade futura. Quantos paes não dizem erradamente "deixa a creança brincar, mais tarde terá muito que que trabalhar", não se lembrando que soffrerá muito mais, não tendo sido sujeita a uma regra. A creança naturalmente deve ter as suas horas de recreio, precisa mesmo para desenvolver-se de correr, fazer exercicios, não devendo nunca ficar muitas horas na mesma posição: nada é mais nocivo para a sua saude, mas d'ahi a não ter uma occupação, uma regra na vida é um erro, e erro muito grande. Só os que foram habituados a se occupar terão gosto pelo trabalho e progredirão na vida.

Vestidos para verão

1 — Vestido de *voile* de fantasia, os *panneaux* da saia são cortados en-forme e franzidos. 2 — Vestido de seda lavavel rosa claro; a pala da saia guarnecida com franzidos, golla e gravata rodeiadas com um babadinho plissado. 3 — Vestido de *voile* de fantasia; a saia formada por tres babados de *godets*. Golla pelerine. 4 — Vestido de *shantung* de fantasia, fundo branco com desenhos verdes, amarellos e pretos. Golla e *jabot* de *lingerie* terminados por picots. 5 — Vestido de *voile* de seda *tilleul*. Punhos, golla e *jabot* de *lingerie*, guarnecidos com pontos abertos.

Blusa de voile branco; golla-jabot e pontos abertos.

Nossa alimentação

A SAUDE E A TRANQUILLIDADE DO LAR FAMILIAR DEPENDEM EM GRANDE PARTE DA VIGILANCIA DO REGIME E DA COZINHA

A discordia, as doenças, a ruina installam-se no lar das pessôas que não se sabem alimentar correctamente. Os recursos empregados a comprar generos nocivos e caros acabam rapidamente. Alimentos toxicos, bebidas excitantes, menus mal organizados, complicados ou mal comprehendidos provocam a rritação nervosa, a intoxicação e o desequilibrio dos humores. Em seguida, a terrivel engrenagem dos dias de doença; das incapacidades de trabalho, das despezas com medicos e pharmacias, soffrimentos — e quantas vezes a morte prematura!

Correlativamente, um doente não póde encontrar de novo a saude e refazer sua vida se não se constituir seu proprio director de regime e de cozinha em sua casa. Quer dizer que não se curará nunca seguindo o regime de todo o mundo ou perseverando nos seus erros alimentares, ou abandonando-se aos regimes collectivos dos hoteis, restaurantes, casas de saude onde reinam em geral os peiores erros de alimentação e a arte das sophisticações culinarias.

MENU DE ALMOÇO

PILAU MARSELHEZ

COELHO Á TONNERROISE

ERVILHAS Á TOURANGELLE

PERNA DE CARNEIRO Á LYONNEZA

ABOBORA D'AGUA AU GRATIN

RAMEQUINS DE DIJON

PILAU MARSELHEZ

Põe-se para refogar na manteiga dois tomates e uma cebola picada; despeja-se dentro o arroz bem lavado; assim que começar a tomar côr, junta-se um bouquet de cheiros, uma folha de louro, a agua das ostras que se abriram dentro d'uma frigideira e a agua que fôr necessaria para cozinhar o arroz.

Tempera-se com sal, pimenta vermelha e um pouquinho de açafrão.

Deixa-se ferver uns cinco minutos, em seguida cozinhar em fogo brando.

O arroz deve ficar com os grãos bem cozidos, mas separados uns dos outros. Antes de servir, retira-se o bouquet de cheiros e juntam-se as ostras que foram tiradas das suas conchas.

COELHO A' TONNERROISE

Quando se mata o coelho guarda-se o sangue, que se bate com o succo d'um limão e duas ou tres cebolinhas picadas muito miudo. Refoga-se o coelho na manteiga bem quente, salpica-se com farinha de trigo, molha-se com uma garrafa de vinho branco, juntam-se algumas cebolinhas, um bouquet de cheiros e uma folha de louro. Quando o môlho estiver reduzido, retira-se o coelho; bate-se o sangue com um copo de leite, despeja-se dentro um pouco de môlho, mexe-se bem e em seguida despeja-se dentro da panella. Não deve ferver mais. Rega-se o coelho com um pouco de môlho e o resto vae na molheira. Guarnece-se o prato com torradas fritas e camarões cozidos em agua e sal.

ERVILHAS A' TOURANGELLE

Põe-se cinco minutos, na agua fervendo e salgada, meio kilo de ervilhas. Desmancha-se uma colhér de farinha de trigo com uma bôa colhér de manteiga, deixa-se tomar côr mas mexendo sempre; molha-se com um litro e meio de caldo de gallinha ou de carne; mexe-se até o liquido ferver; juntam-se então as ervilhas.

Deixa-se ferver novamente, fecha-se hermeticamente a panella.

Abranda-se o fogo, deixa-se cozinhar até que o môlho fique bem espesso. Batem-se tres gemmas de ovos com um pouco de caldo, e em seguida despeja-se na panella; na hora de servir junta-se uma colhér (mal cheia) de manteiga; mexe-se, mas não deve ferver mais.

PERNA DE CARNEIRO A' LYONNEZA

Depois da perna do carneiro bem limpa de todas as glandulas que lhe dão máu cheiro, lardeia-se com seis dentes de alho, põe-se a perna n'uma frigideira funda com tres cebolas e duas cenouras cortadas em fatias, duas folhas de louro, um galho de salsa, pimenta em grão; rega-se com um copo de vinho branco e algumas colhéres de oleo de noz (que póde ser substituido por azeite).

Depois de ter ficado muitas horas nesse tempero vae assar no espeto ou no forno. Côa-se e desengordura-se o môlho.

MODA INFANTIL

N. 1 — Vestido de voile de fantasia, beige e vermelho. N. 2 — Vestido de toile de seda azul claro, guarnecido com galões multicôres. N. 3 — Vestido de cassa bordada rosa claro. N. 4 — Vestidinho de shantung listado, azul, branco e vermelho, a gollinha do mesmo tecido branco. N. 5 — Vestido de voile branco, golla, manguinhas e barra da saia terminadas em bicos.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — *Toilette* de crêpe *georgette* com desenhos de diversos tons sobre fundo verde muito claro; laços do mesmo tecido guarnecem as costas do vestido; a saia *en-forme* é levemente franzida. 2 — Vestido de crêpe *georgette* rosa; o corpo muito trabalhado é guarnecido com laços do mesmo tecido. Babado *en-forme* guarnecido com franzidos na saia. 3 — *Toilette* de crêpe *georgette* preto; a parte de cima, de crêpe rosa, forma uma especie de bolero. 4 — *Toilette* de renda de seda *beige* claro; como guarnição tiras de setim do mesmo tom. 5 — Vestido de setim *citron*, formando uma especie de tunica; saia *en-forme*.

ABOBORA D'AGUA A' DAUPHINOISE

Raspa-se e corta-se em pedaços uma abobora d'agua, que se põe em seguida para cozinhar na agua fervendo.

A' parte faz-se um môlho desmanchando tres colhéres de farinha de trigo com um pouco de leite frio, que se despeja dentro d'um litro de leite quente; mexe-se sobre o fogo até que forme um mingau espesso; despeja-se num prato que vá ao forno; junta-se uma bôa colhér de manteiga, igual quantidade de queijo gruyère ralado, um ovo, uma pitada de sal e de pimenta; bate-se tudo bem antes de juntar a abobora d'agua já fria, e bem escorrida a agua. Alisa-se por cima, peneira-se gruyère ralado e por ultimo farinha de rosca e uns pedacinhos de manteiga.

Vae a tostar no forno brando durante uma hora.

Este prato é considerado no Dauphiné, o paiz dos gratins, como um dos melhores.

RAMEQUINS DE DIJON

Faz-se derreter sobre um bom fogo 250 grs. de manteiga n'um meio copo de agua com assucar; quando a ebulição começa, retira-se do fogo, junta-se 250 grs. de farinha de trigo mexendo até que a massa fique bem lisa; misturam-se uns atrás dos outros quatro ovos, e 250 grs. de gruyère ralado.

Unta-se um taboleiro com manteiga e arruma-se em cima a massa enrolada em bolas pequenas um pouco achatadas; douram-se com clara de ovo. Vão assar no forno.

Quando os ramequins ainda estão quentes, colloca-se sobre cada qual um pedacinho quadrado de gruyère.

****

Para dizer mamãe, os labios juntam-se.

(PENSAMENTO CORSO)

A côr dos nomes femininos

E' muito conhecido o celebre soneto de Rimbaut, o amigo de Verlaine, sobre as côres das vogaes. Sabe-se tambem que os musicos encontram correspondencia entre os sons e os tons.

N'uma discussão entre amigos sobre isso, um poeta declarou:

— Se não admitto uma connexão extraordinaria entre um som e uma côr, vi muitas vezes na minha imaginação uma analogia curiosa entre as côres e os nomes femininos. Talvez isto lhes pareça esquesito: Helena, não sei por que razão, faz-me lembrar do cinzento-perola.

Um campo de observações novas acabava de ser aberto. Invadiram-no. Helena, com effeito, nada tem de decidido. E' modesto, doce e agradavel. Não é nem louro nem branco; e, no emtanto, Helena não é um nome insonso. Cinzento-perola? Sim. Cinzento-perola foi-lhe concedido quasi por unanimidade.

Foi o ponto de partida. Procuraram outros tons

e os nomes que combinassem com elles. Depressa estabeleceram, brincando, uma lista contendo os nomes com suas côres escolhidas.

Eis a lista:

Branco........ Alice
Rosa pallido.... Georgina
Rosa.......... Dyonisia
Vermelho..... Judith
Grenat........ Cora
Havana....... Lourença
Castanho...... Carlota
Malva.......... Monica
Louro.......... Genoveva
Laranja........ Izabel
Amarello...... Aurora
Dourado....... Theodorina
Palha......... Florencia
Opala.......... Bertha
Verde claro.... Olympia
Verde escuro.. Elisabeth
Anil........... Lucia
Violeta......... Mathilde
Azul celeste..... Cecilia
Azul claro...... Jenny
Cinza-perola.. Helena
Cinzento....... Prudencia
Preto.......... Sarah

Origem curiosa de palavras e expressões

Esta noite ceiaremos com Plutão! — Isso leva-nos longe, ao anno 480 antes de Jesus-Christo. O exercito dos Persas, commandado por Xerxes, estava nas Termopylas. Leonidas, com os seus 300 valorosos Espartanos, tentou suster a sua marcha, mas um traidor grego indicou aos inimigos o caminho que permittia contornar o celebre desfiladeiro das Termopylas. Leonidas, sentindo-se perdido, convidou seus companheiros a uma frugal refeição dizendo-lhes:

"Esta noite ceiaremos com Plutão".

Todos sabem que Plutão era o deus dos mortos! E a expressãoo ficou para designar uma situação desesperada.

TOILETTES PARA CASAMENTO

1 — Vestido de crêpe *georgette* azul turqueza: a pala da saia é toda trabalhada de pregas muito finas e guarnecida com uma tira cruzada que se amarra d'um lado. 2 — *Toilette* de crêpe-setim preto, bordado da Madeira, golla e *plastron* de crêpe *georgette* rosa, guarnecidos com o mesmo bordado. 3 — Vestidinho de tafetá rosa. A golla e a barra da saia são recortadas em bicos pontudos. 4 — *Toilette* de casamento de crêpe *georgette* branco, a pala da saia com finas nervures, *panneaux-en-forme* guarnecidos com pregas. O véu de tulle *illusion* é mantido por um *bandeau* de setim terminado d'um lado por uma grande penca de botões de flôr de larania. 5 — Vestido de noiva de linha de classica setim branco. Saia formando tunica. Carreiras de franzidos nos hombros. Grinalda de flôres de laranja e véu de tulle *illusion*.

Mysteriosa princeza

N'um grande hotel de Paris, que fica proximo de Jardim das Tulherias, viram chegar ha pouco tempo um sujeito:

— Sou, disse elle, o secretario d'uma princeza de sangue real.

"Sua Alteza deseja ficar em Paris no mais estricto incognito: somente o Ministerio dos Negocios Extrangeiros está informado da sua vinda. Venho tomar para ella um appartamento mas sou obrigado a esconder o seu nome. Questão de Estado...

O gerente, lisonjeado com a escolha do seu estabelecimento, poz á disposição da princeza e do seu sequito o mais confortavel dos seus appartamentos. No dia seguinte, a alteza real chegou. O rosto coberto com um véu, parecia querer evitar os olhares indiscretos e, installada nos luxuosos aposentos, alli tomava suas refeições, não querendo apparecer em publico. As visitas que vinham procurar a princeza eram immediatamente introduzidas pelo seu secretario.

O mysterio continuava e ninguem tinha ainda conseguido levantar o véu do incognito.

Almoço e jantar da princeza eram muito concorridos.

No emtanto, o gerente, muito intrigado, decidiu-se a insistir com a princeza para saber o seu nome. Invocou as leis da policia...

— Pois bem! respondeu-lhe então a desconhecida, nunca fui princeza. Sou simplesmente a esposa do dono do hotel. Estou em minha casa e conto aqui ficar!

O gerente, estupefacto, preveniu apressadamente o proprietario, que mais surpreso ficou ainda verificando que a pseudo-princeza era realmente sua esposa.

Havia sete annos que se tinham separado amigavelmente. Mas ella, desejando novamente reintegrar-se no domicilio conjugal, tinha se servido desse plano. Seu marido morára sempre no hotel. A pseudo princeza continúa a occupar os melhores aposentos e a offerecer magnificas recepções aos seus amigos.

VARIEDADES

AS PESSOAS NASCIDAS DO DIA 31 DE JANEIRO AO DIA 9 DE FEVEREIRO

São ambiciosas, decididas até á intrepidez e á temeridade, forçando as portas do destino feliz. A vontade é perseverante e solida, mas mettem-se ás vezes em emprehendimentos irrealizaveis. Aptidões combativas, aggre sivas, violentas, comprazendo-se nas chicanas e processos. Sua natureza é mais inclinada para a melancolia que para a alegria. Realizam casamentos vantajosos.

EXPERIENCIA

Ha mulheres que são ardilosas, tal a bella Camilla que, vendo o esposo voltar á tarde do seu escriptorio, perguntou-lhe:

— Jorge, puzeste depois do almoço a minha carta no correio?

— Perfeitamente! respondeu Jorge por habito.

— Estás bem certo disso?

— Absoluta mente certo!

— Lembra-te bem?!

— Lembro-me tão bem que até posso dizer-te que comprei o sello na agencia e mesmo que collei o sello ás avessas.

— Jorge!

— O que, querida?

— Jorge, fazes mal em mentir! Não te dei carta nenhuma para pôr no correio!

DANSAS PITTORESCAS

Dansas dos camponezes, na época da ceifa, na Suissa.

Dansa nacional escoceza, tal como é dansada nas montanhas.

A dansa é tão velha como o mundo. Qual será no emtanto o symbolo desses movimentos cadenciados sobre rythmos mais ou menos harmoniosos, segundo o instincto e a educação dos povos? Alguns dizem que a dansa é o symbolo do amor. Talvez... Mas não é absoluto. Porque existem dansas guerreiras. A guerra não é exactamente a prova de amor dos povos entre si. Então? Seria mais sensato pensar que a dansa é uma das mil formas pelas quaes o ser humano exprime seus sentimentos.

O mais curioso é terem as dansas um ponto de semelhança entre ellas. Por exemplo, nas dansas escocezas, os dansarinos com as suas saias curiosas, os joelhos nús e as meias de xadrez multicor, o pequeno *bonnet* com as duas fitas cahidas atrás, saltam sob um rithmo vivo de uma gaita de folles. Uma musica ao mesmo tempo doce, triste e fanhosa... Uma musica que faz pensar nos céus cinzentos e nas arvores despidas do outomno. Pois o arign-arign do paiz basco é muito semelhante: são os mesmos passos saltitantes, uma perna cruzando a outra da frente para trás, os dois pés cahindo juntos sobre o solo, n'uma toada tão rapida que os olhos têm difficuldade em seguir as evoluções.

Observando faz-se curiosos achados.

Por exemplo as czardas hungaras, as celebres czardas, assemelham-se ao charleston!... O cinema popularizou-as nos seus films do paiz de Bohemia. Examinem bem aquelles camponezes, observem as flexões, as pernas reunidas, joelhos que se dobram e erguem automaticamente. Depois observem o charleston e digam se não é a mesma coisa... ou muito parecido...

Agora tomemos as dansas espanholas. Sapateados, movimentos ondulados, chamados, paradas bruscas, viravoltas rapidas sobre si mesmo, ao ponto de surprehender como não ficam tontas as dansarinas.

Guitarras, castanholas, pandeiros. Palmas dos espectadores e sapateados, quando o enthusiasmo começa a propagar-se. Dansas em tres tempos quasi sempre.

Nas dansas tziganas, mesmo rythmo lento para começar, mesma loucura final. A mesma excitação nos assistentes.

Nas dansas russas, ha mais semelhança ainda. As dansas são complicadas com alguma acrobacia. Espanhoes e espanholas fazem proezas iguaes.

A guitarra transforma-se na balalaika e as mãos batem o compasso e os espectadores acabam tambem por tomar parte na dansa como na Espanha.

Nas curiosas dansas dos pretos da Africa que o cinema nos fez conhecer ficou bem em evidencia que o berço do shimmy tinha sido lá.

Dansarinos espanhoes.

O novo planeta PLUTÃO

Todos já ouviram falar do planeta transneptuniano cuja descoberta foi annunciada em Março de 1930. Sobre ella escreveu o sr. F. Baldet, astronomo do observatorio de Meudon (França). Mas, antes de resumirmos o que elle escreveu, daremos uma rapida explicação da constituição do systema solar.

Em volta do Sol, que é uma estrella, giram oito grandes planetas e um certo numero de pequenos. Os grandes planetas, visiveis a olho nú, são — partindo do Sol — Mercurio, Venus, a Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno.

O Sol arrasta e sustenta os mundos pela sua poderosa attracção; mas os planetas influenciam-se tambem uns aos outros. A lei da gravitação universal foi assim definida por Newton: os corpos attrahem-se na razão directa de sua massa e na razão inversa do quadrado das distancias. Dito d'uma maneira mais singela: a attracção é tanto mais forte quanto os corpos são maiores e mais proximos.

Durante muito tempo conheceu-se apenas seis grandes planetas e o systema solar parava em Saturno. Tomavam Urano por uma estrella.

Foi o grande William Herschell que, no dia 13 de Março de 1781, reconheceu em Urano o setimo planeta.

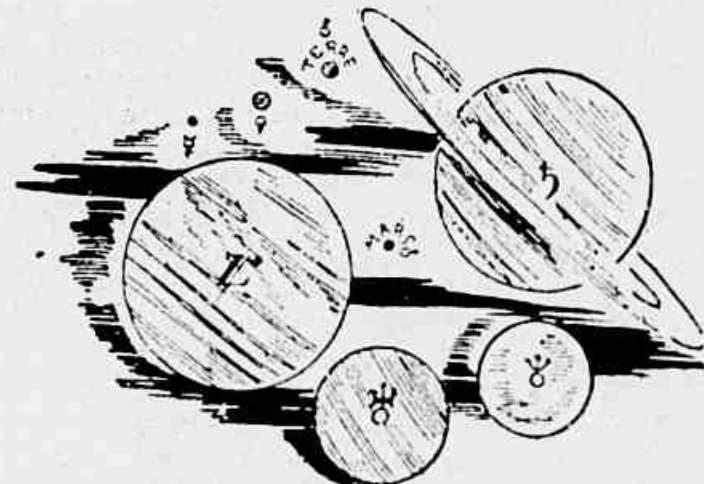
O estudo de Urano fez com que descobrissem um astro mais longinquo ainda. As irregularidades observadas no movimento de Urano levaram Le-Verrier a procurar e a achar o planeta Neptuno, em 1846. Esta descoberta fez a admiração do mundo inteiro.

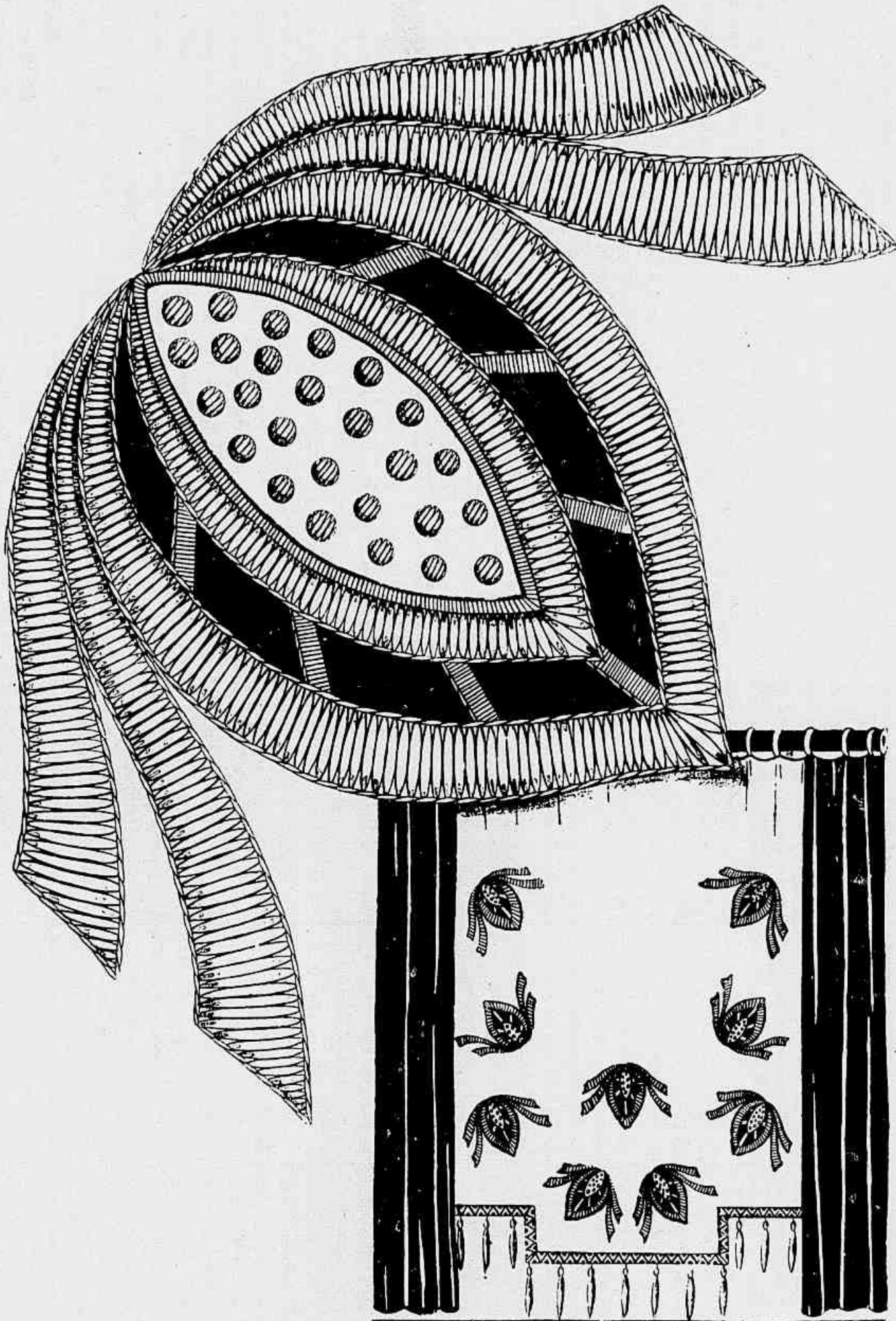
Desde então ficou provado que se póde determinar a posição d'um astro antes de tel-o visto. E calcularam então que podiam existir outros planetas mais longinquos que Neptuno.

"Já em 1834, escreveu o sr. Baldet, antes da descoberta de Neptuno, Hansen previa dois planetas para explicar as perturbações de Urano. Em 1874 um norte-americano, Told, e em 1879 Camille Flammarion fizeram calculos sobre a posição do transneptuniano.

Esses trabalhos foram continuados por Hans Lau, em Copenhague, de 1900 a 1910; por Gaillot, em Paris, em 1909; por Percival Lowel em 1915; por Pickering, em Harvard, de 1909 a 1929".

Os trabalhos emprehendidos em vista de resolver o problema eram de duas especies: 1.° — estudar a influencia do desconhecido sobre Neptuno; 2.° — observar o phenomeno chamado captura dos cometas.

Porque, quando um co-

Dimensões comparadas dos planetas.

Bordado moderno para store e reposteiro

O bordado feito com linha grossa continúa a agradar, devido sem duvida á sua rapidez de execução e ao feliz effeito decorativo que faz. O modelo que damos, como se póde verificar, é de facilima execução. Este desenho póde guarnecer grandes cortinas terminadas por franjas, ou um reposteiro de linho grosso cinzento claro onde se destaca bordado com azul vivo e côr de cobre. Sobre um *store* ou panno de meza de linho *crú*, será bordado com ouro e *grenat*. Sobre uma almofada de velludo ou de setim preto, terá um effeito muito decorativo se fôr bordado com cobre e ouro.

meta se approxima d'um grande planeta, sente uma perturbação que muda totalmente o itinerario do astro errante; está captado. Um grupo de tres cometas está situado de tal maneira que faz crer na presença d'um planeta transneptuniano, e "um outro grupo de cometas faz crer n'um planeta mais longinquo ainda"...

O astronomo amador Percival Lowell, que morreu em 1916, tinha fundado na America do Norte um observatorio construido a 2.200 metros de altitude em Flagstaff, perto do deserto de Arizona. Foi alli que um ajudante, o sr. Clyde Tombaugh, comparando clichés photographicos celestes, descobriu o planeta transneptuniano, que começaram, prudentemente, por chamar "corpo" ou "objecto" Lowell.

Os astronomos francezes deram-se immediatamente ao estudo; entre elle o sr. Baldet, que verificou que o astro annunciado não era tão importante como se tinha pensado a principio. A maior luneta da Europa é a do observatorio de Meudon. Collocada dentro d'uma vasta cúpula de 27 metros de altura, esse magnifico instrumento mede de mais de 16 metros de comprimento; a objectiva tem 0m.83 de diametro; é d'um vidro muito homogeneo e perfeitamente polido; foi preparado ha uns trinta annos pelos irmãos Henry. Nesse poderoso instrumento, o astro Lowell appareceu aos olhos do sr. Baldet sob o aspecto d'uma pequena estrella, em vez de apresentar o disco esperado.

O astro agora descoberto não segue no espaço uma orbita circular, mas sim uma orbita elliptica pouco alongada, como a d'um pequeno planeta.

Actualmente, os astronomos acreditam tratar-se d'um planeta transneptuniano de fracas dimensões. Seu tamanho deve ser o de Mercurio e da Lua: "adoptando um limite superior de 6.000 a 7.000 kilometros para o diametro do astro, não se deve estar longe da verdade".

Apezar de tal planeta não corresponder a todas as previsões dos astronomos de Arizona, que acreditavam ser elle muito maior, a sua descoberta não deixa de ser um acontecimento scientifico dos mais interessantes.

O longinquo filho do Sol foi baptizado: miss Burney, de Oxford, propoz o nome de *Plutão*, que começa pelas duas lettras iniciaes de Percival Lowel. Plutão, deus dos infernos, caminhará portanto no céu, serenamente...

Não é interessante constatar que a grave sciencia vae procurar na mythologia quando quer dar um nome a um astro ou mesmo a um ente vivo?

A familia solar augmentou-se para nós d'uma nova unidade, e contará outros planetas, hoje invisiveis, mas de que sabios calculos provarão a existencia, emquanto esperamos que instrumentos mais aperfeiçoados permittam vel-os.

N. 1 — Saia de linho azul, blusa de voile azul claro, guarnecida com preguinhas e babado formando jabot. N. 2 — Saia de crepe marocain azul marinha, com pala. Blusa de setim lavavel, guarnecida com tiras de preguinhas. N. 3 — Saia de crepe de Chine preto, pala trançada na frente, blusa de crepe-setim rosa pallido.

— Que tristeza, todas estas folhas que cáem...
— Por isso não se afflija, cara amiga. Eu as vou apanhar!

PENSAMENTOS

Não ha nada mais bello sobre a terra que o beijo de dois entes que se amam.

H. Duvernois.

Ha uma coisa mais doce ainda que ouvir falar bem de si: é ouvir elogiar quem se ama.

Maurice Houber.

A felicidade, como todos os thesouros, é necessario escondel-a.

Pierre Madru.

Mme. Selda Potocka, especial'sta diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6 — 1.º andar — Copacabana.

Sylvia — E' necessario examinar a sua pelle. Hoje pertencem ao passado os lindos frascos de loções e lindas caixas do pó de arroz barato, causa dos póros dilatados, pelle manchada oleosa e cheia de cravos.

Os meus preparados são verdadeiros medicamentos da belleza, scientificamente compostos e experimentados com exito permanente durante 30 annos.

Mme. Lobato (S. Paulo) — Lave a cabeça de 7 em 7 dias com meu *Shampoo-Pó*, preparado para conservar a saúde da raiz; molhe diariamente o couro cabelludo com o *Tonico n. 9*, para perfumar e tornar abundante o cabello. Escove-o duas vezes por semana com a escova humedecida no *Tonico n. 10*, para dar-lhe brilho e maciez. Tenho commigo centenas de attestados agradecendo-me suas curas da queda do cabello, caspa e embranquecimento prematuro.

Gabriela — Entre todos os remedios deve adoptar a *Loção Adstringente* nos dias de calor. Varias vezes ao dia humedeça bem o rosto, pescoço e mãos com a *Loção Adstringente*, enxugue bem e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. Conservará e protegerá o orgulho da sua cutis— a alvura e a frescura.

Gloria Maria — Terá dentes lindos e brancos, por toda a vida saudaveis, se os lavar diariamente com meu *Elixir Radio-Activo* e a pasta para os dentes. O inimigo do esmalte são os preparados fabricados com acidos.

Aura — O unico sabonete que lhe posso garantir com absoluta segurança é o *Sylkale*, porque sei as substancias de que é composto.

Dionysia — Para corrigir a oleosidade do nariz applique pequenas compressas de algodão embebido em agua quente a que juntará a *Loção dos Cravos*. Faça isto tres vezes ao dia, enxugue e applique o *Pó de Arroz Hygienico*.

T. S. A. — "Rosita" é um rouge liquido de uma adherencia absoluta. O tom fica muito bonito. Encontra-o em Petropolis na casa Hermanny.

Rose Marie — Le soleil radieux succède à tout orage. Le traitement par la lumière peut guérir votre cruelle maladie.

SELDA POTOCKA.

— Sim, meu marido tem quarenta annos. Entre nós ha justamente dez annos de differença.

— Pois, olhe, não pensei que a senhora tivesse cincoenta!

Acha-se á venda o